UNIVERSIDADE PAULISTA

RICARDO FERRI

CONTRIBUIÇÕES DA PEDAGOGIA DA COOPERAÇÃO PARA O APROFUNDAMENTO DAS RELAÇÕES HUMANAS

SÃO PAULO

2017

RICARDO FERRI

CONTRIBUIÇÕES DA PEDAGOGIA DA COOPERAÇÃO PARA O APROFUNDAMENTO DAS RELAÇÕES HUMANAS

Monografia apresentada para a obtenção do título de Especialista em Pedagogia da Cooperação e Metodologias Colaborativas.

Orientador: Prof. Ms. Fábio Otuzi Brotto.
Coorientador: Cláudio Thebas.

São Paulo - SP
2017

Ferri, Ricardo
Contribuições da pedagogia da cooperação para o aprofundamento das relações humanas/ Ricardo Ferri – São Paulo, 2017.
82 f.: il. color., tabelas

Trabalho de conclusão de curso (especialização) – apresentado à pós-graduação *lato sensu* da Universidade Paulista, São Paulo, 2017.
Área de concentração: Pedagogia da cooperação

"Orientador: Prof. Ms. Fábio Otuzi Brotto"

"Coorientador: Prof. Claudio Thebas"

1. Relações humanas. 2. Pedagogia da cooperação. 3. Confiança. 4. Vulnerabilidade. 5.Inteligência coletiva. I.Universidade Paulista - UNIP. II. Título. III. Ferri, Ricardo.

RICARDO FERRI

CONTRIBUIÇÕES DA PEDAGOGIA DA COOPERAÇÃO PARA O APROFUNDAMENTO DAS RELAÇÕES HUMANAS

Monografia apresentada para a obtenção do título de Especialista em Pedagogia da Cooperação e Metodologias Colaborativas. Programa de Pós-Graduação Lato Sensu da Universidade Paulista, campus Paraíso.

Aprovado em:

BANCA EXAMINADORA

_____/___/___
Prof. Fábio Otuzi Brotto
Projeto Cooperação/Universidade Paulista - UNIP

_____/___/___
Cláudio Thebas
Convidado/Projeto Cooperação(ex-aluno)

Aos meus companheiros de navegação...

AGRADECIMENTOS

Ao Projeto Cooperação por criar esse campo onde tantas coisas bonitas acontecem.

Ao Fábio Brotto, pelo olhar carinhoso e questionador.

Ao Cláudio Thebas, por suas inspirações lúdicas.

À Unibulição, essa turma tão bonita com a qual passei momentos mágicos que alimentaram minhas utopias e ações.

Aos docentes, por tantas reflexões e desconstruções que me inspiraram.

À Cláudia e a Andrea, pelo carinho e força com que cuidaram dessa jornada.

Ao grupo de aplicação, pela disponibilidade e entrega na construção desse trabalho.

À Cecília e Daniella, minhas irmãs de jornada, que tanto me acolheram e me ensinaram.

“Minha liberdade pessoal assim confirmada pela liberdade de todos se estende ao infinito”.

Mikhail Bakunin

RESUMO

A partir de uma grande inquietação a respeito de como se estabelecem e se aprofundam as relações humanas nos dias de hoje, em que a tecnologia promove um movimento de aproximar e afastar as pessoas em seus processos de convivência, esta monografia busca investigar como a Pedagogia da Cooperação poderia atuar para ampliar as possibilidades de conexão e aprofundamento das relações humanas para a promoção do bem-estar comum e valorizando as singularidades de cada indivíduo. Um grupo espontâneo de 11 pessoas foi reunido para conversar sobre o tema “Relações Humanas” e observado vivenciando a trilha das sete práticas da Pedagogia da Cooperação proposta pelo trio de focalizadores. A pesquisa ainda teve como base para a coleta de dados o preenchimento de questionários pré, durante e pós encontro presencial. Ao final de 20 horas, ficou evidenciada a potência da inteligência coletiva, a importância da confiança no processo de formação de grupo, e a vulnerabilidade como elemento essencial para o aprofundamento das relações humanas – tudo isso a partir das dinâmicas estabelecidas a cada movimento proposto pelo conjunto de princípios, processos, práticas e procedimentos da Pedagogia da Cooperação.

Palavras-chave: relações humanas – pedagogia da cooperação – confiança – vulnerabilidade – inteligência coletiva.

ABSTRACT

Based on a big question about how human relations are established and deepened today, in a world in which technology promotes a movement of bringing people closer together and at the same time separating them in terms of their physical coexistence, this monograph aims to investigate how the Pedagogy of Cooperation could act to expand possibilities of connection and profoundness for the promotion of collective wellbeing while also valuing the singular qualities of each individual. A random group of 11 people was gathered to talk about the theme "Human Relations" and was observed as they experienced the path of the seven practices of the Cooperation Pedagogy proposed by the trio of facilitators. The research was also based on the collection of data, with the filling in of questionnaires before, during and after the in-person meetings. At the end of 20 hours, the power of collective intelligence, the importance of trust in the process of group formation, and vulnerability as an essential element for the deepening of human relations were evidenced - all from the dynamics established in each movement proposed by the principles, processes, practices and procedures of the Pedagogy of Cooperation.

Keywords: human relations - pedagogy of cooperation - trust - vulnerability - collective intelligence.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO 10
2. CONTEXTO DA PESQUISA 12
2.1 Tema: 12
2.2 Nossa pergunta de pesquisa: 12
2.3 Objetivo geral 12
2.4 Objetivos específicos 12
2.5 Justificativa 12
2.6 Público de aplicação prática 14
2.7 Nossas hipóteses 14
3. DESENVOLVIMENTO 16
3.1. REFERENCIAL TEÓRICO 16
3.1.1 A Pedagogia da Cooperação, por Fábio Brotto 16
3.1.2 - As relações, por Martin Buber 20
3.1.3 - As relações humanas & a liquidez de Bauman 22
3.1.4 – O saber de cada um & *VenSer* quem se é, por Pierre Lévy 25
3.1.5 – O outro em nossas vidas – Diálogo com autores 29
3.2 METODOLOGIA 31
3.2.1 Coleta de dados 31
3.2.1.1 Observação 31
3.2.1.2 Questionário 32
3.2.1.3 Indicadores DIVER 33
3.2.1.4 Grupo de aplicação 34
3.3.1.5 Trilha da Aplicação das 7 práticas da Pedagogia da Cooperação ... 35
3.3 ANÁLISE 37
3.3.1 Indicadores DIVER - Resultados 59
3.3.2 Nosso olhar para a trilha percorrida 60
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS 63
5. REFERÊNCIAS 65
SITES: 66
6. APÊNDICES 67
6.1. Questionários 67
6.1.1. Questionário pré-encontro presencial 67
6.1.2. Questionário – Encontro Presencial 67

6.1.3. Questionário pós-encontro presencial (1 mês depois) 68
6.2. Trilha da Aplicação das 7 práticas: Detalhamento das dinâmicas e roteiro completo de atividades 70
6.3. Soluções propostas para as seis *in-quieta-ações* escolhidas pelo grupo – Atividade: chuva de ideias individual 79
7. ANEXOS 82

1. INTRODUÇÃO

Esse trabalho é resultante de algumas parcerias, sem as quais não teria sido possível:

- ✓ Entre a UNIP, que acolhe a pós-graduação em Pedagogia da Cooperação & Metodologias Colaborativas, e o Projeto Cooperação, idealizador da trilha da Pedagogia da Cooperação e dessa proposta de especialização acadêmica.
- ✓ Entre nós, Cecília Ferraz, Ricardo Ferri e eu, Daniella Dolme, os Lumiá, que nos juntamos em função dos nossos olhares, parecidos e complementares, sobre a Pedagogia da Cooperação e nosso interesse nas relações humanas.

Em que pese essa apresentação ser individual, para atendimento às demandas da UNIP, ela traz em seu contexto da pesquisa e desenvolvimento uma produção conjunta, a partir da nossa aplicação, ou estudo de caso.

Nossas motivações pela e com a Pedagogia da Cooperação e com o tema das relações humanas se entrelaçam: fomos buscar na Pedagogia da Cooperação metodologias e possibilidades para *SerVir* melhor ao bem comum, e em especial às pessoas.

Nesse sentido, com o objetivo de investigar as "Contribuições da Pedagogia da Cooperação para o aprofundamento das relações humanas" buscamos elementos para alicerçar a caminhada no próximo trecho da estrada da nossa vida.

Que elementos são essenciais para nutrirmos os espaços das *comum-unidades*[1]? Como a Pedagogia da Cooperação contribui para isso?

Em nossas hipóteses, elementos como a confiança, a escuta e o diálogo, o respeito às singularidades e aos saberes de cada um aparecem como possíveis contribuições.

Quanto à relevância social da pesquisa, trazemos Martin Buber (2006), a partir da essência do ser e da filosofia da relação; Zygmunt Bauman (2004) e toda a liquidez da modernidade e a fragilidade dos laços humanos; Brené Brown (2013) e sua pesquisa sobre vulnerabilidade e vínculos; e alguns estudos sobre a sensação de solidão nos dias de hoje.

---

[1] *"A divisão das palavras é um recurso utilizado com o objetivo de chamar atenção para uma resignifica-ação de sentido/significado da acomoda-ação gerada pela repete-ação sem a plena atenção dada à palavra-ação" utilizada por Fábio Brotto, 2016, e adotada em alguns trechos dessa monografia.*

Para mim, os seres carregam dentro de si imagens, narrativas, possibilidades, memórias, afetos, complexidades, simplicidades, medos, buscas, vazios, imensidões, levezas... e isso me toca e inspira profundamente. Foi o que acendeu a minha chama para olhar mais de perto esse tema das relações humanas. Quero mergulhar nesse mistério que somos. E não me esquecer de como um olhar pode mudar uma vida ou de como uma simples palavra nascida do coração pode dar sentido a todo um viver. Amo rodas de conversa e de brincadeiras. Esses momentos mágicos em que, por trás das nevoas do automatismo, consigo ver o timbre de cada pessoa. Consigo sentir a potência de estar vivo e a vontade de que o mundo seja um lugar bom para todos os seres. Durante nossa aplicação das sete praticas da Pedagogia da Cooperação, senti em diversos momentos essa magia, esse encantamento. Sim, sou um navegante utópico, admirador das instabilidades e belezas do mar.

Que esse trabalho traga elementos de reflexão e possíveis caminhos que contribuam para o aprofundamento das relações humanas!

2. CONTEXTO DA PESQUISA

2.1 Tema:

Aprofundamento das relações humanas.

2.2 Nossa pergunta de pesquisa:

- ✓ Quais as contribuições da Pedagogia da Cooperação para o aprofundamento das relações humanas?

2.3 Objetivo geral

- ✓ Investigar as contribuições da Pedagogia da Cooperação para o aprofundamento das relações humanas.

2.4 Objetivos específicos

- ✓ Investigar e aplicar a Pedagogia da Cooperação;
- ✓ Contextualizar as relações humanas nos dias de hoje;
- ✓ Investigar possíveis caminhos do aprofundamento das relações humanas.

2.5 Justificativa

A relação é um instinto primordial do ser, segundo o filósofo Martin Buber (2006), e é a partir desse instinto que se vai tateando, descobrindo, se desenvolvendo e vivenciando o mundo. Olhando por esse ponto de vista, uma questão que nos inquietou e motivou foi: como estamos cuidando desse aspecto tão essencial de nossa existência?

Atualmente, a sensação de solidão é crescente no mundo todo e vem desencadeando diferentes consequências para a saúde mental: de depressão à ansiedade crônica, entre outras consequências. De acordo com dados da Organização Mundial de Saúde (OMS), no período de 10 anos (2005-2015), o número de casos de depressão aumentou em mais de 18% e hoje já afeta mais de 322 milhões de pessoas.

Entre os principais fenômenos que contribuem para este cenário está o uso das redes sociais. Ao mesmo tempo em que a tecnologia é uma ferramenta capaz de ampliar as possibilidades de comunicação e, com isso, aproximar e facilitar conexões e o estabelecimento de relações interpessoais, estudo realizado por psicólogos americanos afirma que acessar sites como Twitter, Facebook e Snapchat pode despertar sentimentos de exclusão. Quanto mais tempo uma pessoa fica online, menos tempo tem para interações no mundo real, dobrando as chances de se sentir isolada.

Para a pesquisadora da Universidade de Houston, Brené Brown:

> Podemos ter muitos amigos no Facebook, muitos colegas, amigos da vida real e vizinhos, porém, ainda assim, nos sentimos sozinhos e invisíveis. E como fomos programados para estabelecer vínculos, o isolamento sempre provoca sofrimento. Sentir-se isolado pode ser uma parte normal da vida e dos relacionamentos, mas, quando somado à vergonha de acreditar que estamos isolados porque não somos dignos de contato, o isolamento causa uma dor tão grande que a necessidade de anestesia-la se torna incontrolável. (BROWN, 2013, p.105):

Ainda que a tecnologia tenha adquirido esse papel ambíguo, especialmente quando se trata de internet, é inegável o avanço e as inúmeras possibilidades que surgiram por conta dela. No entanto, a profundidade das relações humanas está além desse tipo de ferramenta.

Sendo assim, a crença de que somos seres sociais, que necessitamos de interação e afeto; as inquietações da “vida líquida”, trazidas por Bauman; a poética das relações, inspirada por Buber; os caminhos de novas possibilidades, abertos por Lévy; e a observação de dados, que apontaram o aumento do sentimento de solidão no mundo contemporâneo; tudo isso contribuiu para a formação de uma amálgama que nos motivou a debruçar sobre o aprofundamento das relações humanas.

Para a construção de um mundo mais cooperativo, onde o foco é o bem-estar comum de todos e todas, é necessário investir nas relações – que são a base para todos os desdobramentos da vida cotidiana, influenciando diretamente a vivência em comunidade. Nesse sentido, acreditamos que a Pedagogia da Cooperação pode apresentar, ou criar, caminhos e possibilidades para que os encontros aconteçam e as relações floresçam.

Acreditamos ainda que a pesquisa em questão torna-se relevante ao investigar o resultado do entrelaçamento dessa abordagem com um olhar nosso, do grupo e dos autores escolhidos, sobre a necessidade do aprofundamento no Eu e no Tu (a relação que estabeleço comigo mesmo, com o outro e com o mundo).

2.6 Público de aplicação prática

Para a formação do grupo de aplicação foi feito um convite virtual, distribuído por e-mail, whatsapp, Facebook, para amigos, colegas e familiares, com o objetivo de formar um grupo espontâneo, reunindo pessoas que estivessem interessadas em dialogar sobre relações humanas e vivenciar o percurso das sete práticas da Pedagogia da Cooperação.

O processo de divulgação, que durou cerca de um mês, resultou em 11 inscritos para um encontro de dois dias (sábado e domingo), com carga horária de 20 horas.

Mais detalhes em: Grupo de Aplicação, no capítulo Metodologia.

2.7 Nossas hipóteses

Segundo Marconi e Lakatos (2003, p.126), “podemos considerar a hipótese como *um enunciado geral* de relações entre variáveis (fatos, fenômenos):

a) formulado como solução provisória para um determinado problema;

b) apresentando caráter ou explicativo ou preditivo;

c) compatível com o conhecimento científico (coerência externa) e revelando consistência lógica (coerência interna);

d) sendo passível de verificação empírica em suas consequências.”

Pensar as hipóteses dessa investigação nos propiciou deliciosas reflexões sobre as contribuições da Pedagogia da Cooperação, nos levando a alguns dos pilares, ou essências, como confiança, escuta e diálogo, respeito e valorização das singularidades e saberes de cada um.

Na nossa pesquisa partimos de quatro hipóteses para o direcionamento das nossas investigações: *A Pedagogia da Cooperação contribui para o aprofundamento das relações humanas…*

- ✓ …..porque cria campo de confiança;
- ✓ ….porque valoriza a escuta e o diálogo;
- ✓ ….porque dá voz à inteligência coletiva;
- ✓ ....porque valoriza as singularidades de cada um *(VenSer*[2] *quem se É).*

[2] TÁVOLA, Arthur da – Isso de Ganhar, in Comunicação é mito: televisão e leitura crítica, Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985, p. 275-279. Citação utilizada por Fabio Brotto em ensaio: "utilizamos o termo 'VenSer' para indicar como propósito da Pedagogia da Cooperação a busca pelo vir-a-ser quem se é, o mais plena e autenticamente possível".

3. DESENVOLVIMENTO

3.1. REFERENCIAL TEÓRICO

> O que é a interpretação? O espírito sutil tentando fazer dançar o corpo inerte da letra. A evocação, diante dos signos mortos, do sopro do autor. A reconstrução arriscada do nó dos afetos e de imagens de onde provém o texto. E, finalmente, a produção de um novo texto, o do intérprete. (LÉVY, 2015, p.99)

Passeamos pelos textos de variados autores e, em especial, Fábio Brotto, Martin Buber, Zygmunt Bauman e Pierre Lévy: evocando seus sopros, reconstruindo o nó dos afetos... produzindo um novo texto.

Com as vossas licenças e a nossa Gratidão, os Lumiá.

3.1.1 A Pedagogia da Cooperação, por Fábio Brotto

Ubuntu – eu sou porque nós somos

Fábio Otuzi Brotto (Brasil, 1960) é um dos fundadores do Projeto Cooperação e idealizador da Pedagogia da Cooperação. Sua trajetória, aprendizados e práticas têm contribuído para a transformação de pessoas e comunidades. Neste trabalho, Fábio nos inspira a mergulhar no mundo da cooperação e experimentar na prática o efeito que as sete práticas podem ter no trabalho com um grupo.

O texto abaixo foi inspirado no ensaio: *Pedagogia da Cooperação, Cultivando um mundo onde todos podem VenSer juntos,* de Fabio Brotto (2016).

O propósito essencial da Pedagogia da Cooperação é “criar espaços colaborativos onde cada pessoa, grupo, organização e comunidade possa *VenSer* plenamente quem É para poder *SerVir* mais completamente ao bem comum” (BROTTO, 2016, p.1).

O que também pode ser entendido como o seguinte convite: que tal se a gente der o melhor de cada um de nós para construirmos juntos um mundo mais colaborativo, mais humano, e possível para todos?

Na Pedagogia da Cooperação, desenvolver quatro pequenas virtudes pode apoiar o processo individual durante essa jornada (BROTTO, 2016, p.16). São elas: plena atenção, desapego, abertura para compartilhar (vulnerabilidade – “eu preciso de você”) e integridade (ser quem você é). Nessa pedagogia, leva-se em conta a

bagagem de cada um e, assim como em uma filosofia, apresenta uma série de princípios, processos, procedimentos e práticas, que ajudam a nortear e materializar ações rumo ao cumprimento de seu propósito essencial.

São quatro os princípios: *Co-existência*; *Com-vivência*; Cooperação; e *Comum-Unidade*.

Entender que vivemos em *Comum-Unidade*, que esse é o espaço que temos para cultivar novas maneiras de ser e de se fazer no mundo, é compreender também que temos que praticar a Cooperação diariamente uns com os outros; que a *Com-Vivência* é uma condição social; e a *Co-Existência* é um fato.

Em resumo, "dar chance às relações humanas é acreditar que cada pessoa é importante, reconhecendo que somos parte de um mesmo todo, como se fôssemos jogadores de um mesmo time chamado Humanidade" (BROTTO, 2016, p.24).

Co-existir significa honrar a nossa interdependência, em todos os níveis. Indo além das relações humanas, pode-se afirmar que tudo está interligado – sejam catástrofes naturais, até pequenos conflitos cotidianos vivenciados em relacionamentos próximos – e desde o início do mundo, nos reinos microbiológico, vegetal e animal.

Se estamos todos conectados e convivendo, dividindo o mesmo espaço com outros seres vivos, para a Pedagogia da Cooperação, é clara a necessidade de buscar vivenciar essa experiência da melhor forma possível e juntos – e isso significa re-conhecer o outro em sua integralidade. "Se me permito ver o outro, conhecendo seus sonhos, entendendo suas dificuldades, posso melhor conviver com ele e aceitar suas diferenças, inclusive aprender com elas". (BROTTO, 2016, p.5).

Incluir o outro, ser empático, escutar, ser vulnerável, se relacionar. Para Humberto Maturana, (1990, apud BROTTO, 2016, p.8), a cooperação se dá na construção das relações humanas que é fundamentada na confiança e no respeito mútuo. "Confiar é estabelecer um pacto de cumplicidade e de uma certa maneira, entregar o destino da própria vida nas mãos uns dos outros" (BROTTO, 2016, p.8).

Brotto (2017)[3] ainda afirma que "a cooperação se dá no espaço onde verdadeiramente precisamos do outro".

---

[3] Fala em aula para a 4ª turma da Pedagogia da Cooperação & Metodologias Colaborativas, em abril de 2017.

Em complemento a esse pensamento, para a pesquisadora de relações humanas Brené Brown, ser autêntico e real nos permite:

> Ser vistos profundamente, vulneravelmente. Amar com todo o coração; praticar gratidão e alegria, mesmo nos momentos de terror; e, talvez o mais importante, se sentir suficiente. Porque quando começamos com "sou suficiente", paramos de gritar e começamos a escutar, somos mais bondosos e gentis com as pessoas ao nosso redor e conosco também[4]. (BROWN, 2010)

Se a evolução só pode acontecer por conta de processos biológicos cooperativos, como as divisões celulares, por exemplo, foi a vida em sociedade que transformou os seres humanos e fez com que o conceito de competição se manifestasse como uma opção de caminho a ser percorrido – no qual laços de confiança, abertura e acolhimento das diferenças fossem deixados de lado. E se essa é uma possibilidade, isso significa que podemos escolher ser cooperativos e redescobrir as competências necessárias para isso.

O caminho não é solitário, é (com)partilhado. O ambiente para que isso aconteça são as *comuns-unidades* que formamos ao longo da vida – com toda a complexidade e paradoxos envolvidos na experiência humana de ser indivíduo, livre e pleno, e de ser coletivo, que tem a necessidade de se relacionar.

Segundo Brotto (2006), a Pedagogia da Cooperação trabalha em uma "busca constante de processos e procedimentos para desenvolver competências capazes de ajudar a manter uma mente-inclusiva como um princípio ativo e para poder acolher as diferenças no outro e no mundo (como reflexos da gente mesmo)". Sendo assim, Brotto apresenta Processos baseados em metodologias colaborativas, para que os Princípios sejam colocados em prática, e Procedimentos que sugerem o "como fazer" isso, conforme descrito em detalhes a seguir.

São processos: danças circulares, diálogo, comunicação não-violenta, investigação apreciativa, práticas meditativas, processos circulares, aprendizagem e jogos cooperativos. Vale ressaltar que os Jogos Cooperativos foram a grande inspiração para que a Pedagogia nascesse, assim como um de seus precursores no mundo, Terry Orlick, professor da Universidade de Ottawa (Canadá), que é um grande estudioso sobre como a dinâmica da competição X cooperação pode ser observada nas atitudes humanas e suas diferentes motivações.

---

[4] TED Talk Brené Brown, O Poder da Vulnerabilidade, livre tradução. In https://goo.gl/5unGN5. Acesso em julho de 2017.

São procedimentos:

1) Círculo e Centro – ao colocar os participantes em roda, onde são vistos como iguais e há um centro para lembrar o que é essencial para o grupo.
2) Ensinagem cooperativa – importância da vivência prática para reconhecer a si e ao outro, com base em reflexões introspectivas e compartilhamento de aprendizados, com abertura para a verdadeira transformação pessoal.
3) Do mais simples para o mais complexo – aprendizado gradativo, entendendo que a evolução só acontece dessa forma (de dentro para fora, do pequeno para o maior, do mais próximo para o mais distante...).
4) Ser Mestre-e-Aprendiz – o focalizador é responsável por dar luz ao conhecimento e protagonismo do próprio grupo, para que ele encontre a solução para suas questões e a consciência da cooperação. É praticar a co-educação, ou seja, proporcionar um ambiente favorável à troca.
5) Começar e terminar juntos – se a Pedagogia da Cooperação tem como objetivo ser inclusiva, possível para todos, esse é um procedimento simples e que cabe em todo lugar, situação e grupo, gerando o sentimento de cumplicidade e ampliando a força de atuação conjunta do grupo.

Para vivenciar a Pedagogia da Cooperação, propõem-se a aplicação de sete Práticas: Fazer *Com-Tato* (Conectar); Estabelecer *Com-Trato* (Cuidar); Compartilhar *In-Quieta-Ações* (Compartilhar); Fortalecer Alianças e Parcerias (Confiar); Reunir Soluções *Como-Uns* (Cocriar); Realizar Projetos de Cooperação (Cultivar); e Celebrar o *VenSer* (Celebrar).

As Práticas, assim como os Processos e Procedimentos, têm como papel fundamental apoiar os movimentos de transformação de grupos, times, equipes, e pessoas em geral. São a base fundamental para que, juntos, ofereçam um pacote robusto de possibilidades de atividades que irão proporcionar o desenvolvimento dos participantes durante encontros que utilizem a Pedagogia da Cooperação como abordagem.

A fim de avaliar a “eficácia” da Pedagogia da Cooperação, ou “efeitos e afetos causados” (BROTTO, 2016, p.19), foram criados os Indicadores de Cooperatividade, também chamados de “Indicadores DIVER”, que levam em consideração o desenvolvimento das quatro pequenas virtudes (citadas no início do texto):

- 1º Indicador: *DIVERdade* – se a experiência foi vivida com desapego;
- 2º Indicador: *DIVERtido* – se a experiência foi vivida com integridade;

- 3º Indicador: *DI-VER-gente* – se a experiência foi vivida com plena atenção;
- 4º Indicador: *DIVER*[5] – se a experiência foi vivida com abertura para compartilhar.

3.1.2 - As relações, por Martin Buber

Martin Buber (1878-1965) foi um pensador austríaco que trouxe grandes reflexões acerca do diálogo e das relações humanas. É estudado em diferentes campos do conhecimento: filosofia, religião, educação, psicologia. Para o nosso caminho de pesquisa trouxe lampejos importantes sobre o fenômeno da relação e a sua importância para o aprofundamento das relações humanas.

> A originalidade da aspiração de relação já aparece claramente desde o estado mais precoce e obscuro. Antes de poder perceber alguma coisa isolada, os tímidos olhares procuram no espaço obscuro algo de indefinido; e em momentos em que, aparentemente não há necessidade de alimento, é sem finalidade, ao que parece, que as suaves e pequeninas mãos gesticulam, procuram algo de indefinido no vazio. Afirmar que é um gesto animal, é nada exprimir.(...) Muitos movimentos, chamados reflexos, são um instrumento indispensável à pessoa na construção de seu mundo. Não é verdade que a criança percebe primeiramente um objeto, e, só então entra em relação com ele. Ao contrário, o instinto de relação é primordial, como a mão côncava na qual o seu oponente possa se adaptar. Em seguida acontece a relação, ainda uma forma primitiva e não-verbal do dizer-TU. A transformação em coisa, é, entretanto, um produto posterior, provida da dissociação das experiências primordiais, da separação dos parceiros vinculados – fenômeno semelhante ao surgimento do Eu. (BUBER, 2006, p.67)

Segundo Buber, a relação é um instinto primordial do ser. A partir desse instinto vamos tateando, descobrindo, nos desenvolvendo e vivenciando o mundo. Olhando por este ponto de vista, como estamos cuidando desse aspecto tão essencial de nossa existência?

A globalização e as ferramentas de comunicação cada vez mais desenvolvidas trazem à tona informações e notícias de muitos contextos diferentes, que em grande parte, revelam um mundo fragmentado e fragilizado em suas relações. Fazendo um paralelo com as reflexões de Martin Buber (2006), um mundo

---

[5] *DIVER: do inglês "profundo", no sentido de mergulho na cooperação, uma experiência profunda, pessoal e coletiva.*

de relações coisificadas, onde o outro é visto como um objeto a ser manipulado e experienciado, destituído de seu mistério e sua poética de existir. É a relação que Buber vai chamar de EU-ISSO:

> O homem que se conformou com o mundo do Isso, como algo a ser experimentado e a ser utilizado, faz malograr a realização deste destino: em lugar de liberar o que está ligado a este mundo ele o reprime; em lugar de contemplá-lo ele o observa, em lugar de acolhê-lo serve-se dele. (BUBER, 2006, p.75)

Ao mesmo tempo, encontramos iniciativas que demonstram a vontade do ser humano de tornar o mundo um lugar melhor - como os inúmeros exemplos registrados por Iara e Eduardo Xavier, os Caçadores de Bons Exemplos[6]; e sites como Razões para Acreditar[7] e Hypeness[8], que tem como objetivo também apresentar “boas notícias”, transformações e inovações que ocorrem pelo mundo; ou ainda o *PlayMonday*, proposto por Claudio Thebas, para transformar instantes por meio de brincadeiras[9]. É um mundo onde palavras como compreensão, confiança, cuidado, generosidade, cooperação, amor, são vividas no coração e na criação de um novo existir que seja bom para todos. Nesse contexto, o outro é algo vivo, inapreensível, dinâmico, e não é possível engaiolá-lo em definições e estereótipos, mas apenas vivê-lo no instante sagrado da presença e do devir. Esse tipo de relação, onde se enxerga o outro como um legítimo outro Buber vai chamar de relação EU-TU "Amor é responsabilidade de um Eu para com um Tu..." (BUBER, 2006, p.59).

No entanto, segundo Buber (2006), o ser humano não consegue viver apenas no mundo do EU-TU. Vivemos em uma oscilação entre EU-TU e EU-ISSO. A relação EU-ISSO não é excluída e faz parte de uma dualidade do existir. Tem a sua importância na medida em que desenvolveu um olhar científico sobre as coisas que trouxe e ainda traz contribuições valiosas para o existir. O problema é quando o ser humano vive apenas o mundo do ISSO:

---

[6] https://www.cacadoresdebonsexemplos.com.br/
[7] http://razoesparaacreditar.com/
[8] http://www.hypeness.com.br/
[9] Claudiothebas.com.br/playmonday.html

> Em épocas mórbidas, acontece que o mundo do Isso, não sendo mais penetrado e fecundado pelos eflúvios vivificantes do mundo do Tu, não passando de algo isolado e rígido, fantasma surgido do pântano, oprime o homem. Nele o homem, contentando-se com um mundo de objetos, que não lhe podem mais tornar-se presença, sucumbe. Então, a causalidade fugaz, intensifica-se até tornar-se uma fatalidade opressora e esmagadora. (BUBER, 2006, p.84)

Esse trecho nos parece um diagnóstico precioso sobre muitas das inquietações e conflitos do mundo atual. O que Buber (2006) parece nos propor é um equilíbrio entre esses dois modos de existir, que consigamos transitar e, mais do que isso, ter consciência do lugar onde estamos. “O Isso é a crisálida, o Tu a borboleta. Porém, não como se fossem sempre estados que se alternam nitidamente, mas, amiúde, são processos que se entrelaçam confusamente numa profunda dualidade”. (BUBER, 2006, p.61)

Talvez esse desequilíbrio que vivemos no mundo contemporâneo seja um chamado ao TU. A essa relação profunda, presente e sagrada que estabelecemos com nós mesmos, com as coisas e com todos os seres ao nosso redor.

3.1.3 - As relações humanas & a liquidez de Bauman

Falar de relações humanas abre portas para reflexões em diferentes campos, afinal todos os desdobramentos de uma vida em sociedade partem também da interação entre pessoas. O sociólogo e filósofo polonês Zygmunt Bauman (1925-2017), um dos principais intelectuais do século XX, criou o conceito de “modernidade líquida” e a partir dessa visão dedicou-se a estudar os fenômenos da globalização, do consumismo e como a forma de se relacionar foi se transformando ao longo do tempo. E é por isso que trazemos suas contribuições para esta reflexão.

Bauman não escolhe por acaso o termo “líquido” para caracterizar a sociedade como um todo, o amor, o medo (títulos de algumas de suas obras) – líquido é o estado de matéria cuja fluidez se destaca, a adaptabilidade, a facilidade de ser moldado e manter suas propriedades originais. E é assim que ele interpreta os novos tempos:

> A vida líquida é uma vida de consumo. Projeta o mundo e todos os seus fragmentos animados e inanimados como objetos de consumo, ou seja, objetos que perdem a utilidade (e portanto o viço, a atração, o poder de sedução e o valor) enquanto são usados. Molda o julgamento e a avaliação de todos os fragmentos

> animados e inanimados do mundo segundo o padrão dos objetos de consumo. (BAUMAN, 2005, p.16).

A liquidez, em todos os aspectos da vida, gera inseguranças e incertezas, fazendo com que as pessoas passem a olhar e entender suas identidades também como algo fluído e capaz de se transformar de tempos em tempos, conforme a necessidade social. Está em jogo, como Bauman costuma dizer, a lógica imediatista, artificial.

Sendo assim, é dessa forma que ele sugere uma nova configuração para as relações sociais, a partir do século XX, onde houve uma fragmentação e os seres humanos passaram a valorizar mais a sua individualidade e satisfação pessoal, em detrimento da vida em comunidade.

> Em nosso mundo de furiosa "individualização", os relacionamentos são bênçãos ambíguas. Oscilam entre o sonho e o pesadelo, e não há como determinar quando um se transforma no outro. Na maior parte do tempo, esses dois avatares coabitam – embora em diferentes níveis de consciência. No líquido cenário da vida moderna, os relacionamentos talvez sejam os representantes mais comuns, agudos, perturbadores e profundamente sentidos da ambivalência. É por isso, podemos garantir, que se encontram tão firmemente no cerne das atenções dos modernos e líquidos indivíduos-por-decreto, e no topo de sua agenda existencial. (BAUMAN, 2004, p.08)

Para o sociólogo, a sensação é de que "estamos todos numa solidão e numa multidão ao mesmo tempo"[10], é o vazio de relações que não se solidificam, que não perduram – e que são, quase sempre, abundantes e rotativas. Ou seja, ter 500 "amigos" é possível no Facebook, mas dificilmente seria um número alcançável na vida real, como exemplifica o próprio Bauman. Isso porque o tipo de relacionamento sugerido por redes sociais como o Facebook é baseado em conexões, que podem ser feitas, desfeitas, refeitas – sendo esse seu maior atrativo: não é preciso se comprometer a longo prazo e ao menor sinal de descontentamento é possível mudar o rumo da história facilmente, muitas vezes sem mínima necessidade de se estabelecer um diálogo.

---

[10] Trecho de entrevista disponível em https://www.youtube.com/watch?v=LcHTeDNIarU, acesso em Julho de 2017.

Se por um lado as pessoas continuam buscando amor e afeto, por outro têm medo de se entregar a relacionamentos mais profundos e duradouros, que exigem engajamento e comprometimento das duas partes, além de persistência e desejo de "ir contra a corrente", num cenário globalizado em que a velocidade domina e, aparentemente, apresenta frequentemente tantas opções disponíveis e ainda melhores. Como manda o dito popular: "a grama do vizinho é sempre mais verde".

Sobre redes e comunidades, Bauman (2005) afirma que:

> A diferença entre a comunidade e a rede é que você pertence à comunidade, mas a rede pertence a você. É possível adicionar e deletar amigos, e controlar as pessoas com quem você se relaciona. Isso faz com que os indivíduos se sintam um pouco melhor, porque a solidão é a grande ameaça nesses tempos individualistas. Mas, nas redes, é tão fácil adicionar e deletar amigos que as habilidades sociais não são necessárias. Elas são desenvolvidas na rua, ou no trabalho, ao encontrar gente com quem se precisa ter uma interação razoável. Aí você tem que enfrentar as dificuldades, se envolver em um diálogo. (BAUMAN, Entrevista ao El País[11], 2015)

Manter diálogos apenas com aqueles que pensam da mesma forma é se manter na zona de conforto, "onde o único som que escutam é o eco de suas próprias vozes, onde o único que veem são os reflexos de suas próprias caras", complementa o estudioso. Nesse sentido, ele considera as redes verdadeiras armadilhas, favorecendo a formação de bolhas sociais.

> O fato de outros discordarem de nós, (...), isso não é um obstáculo no caminho que conduz à comunidade humana. Mas a convicção de que nossas opiniões são toda a verdade, nada além da verdade e sobretudo a única verdade existente, assim como nossa crença de que as verdades dos outros, se diferentes das nossa, são meras opiniões, esse sim é um obstáculo. (BAUMAN, 2004, p.81).

De alguma forma, o comportamento humano que se estabeleceu e passou a cultivar esse novo tipo de relações tornou a sociedade menos aberta, menos humanizada, menos capaz de demonstrar o amor ao próximo. E se o amor ao próximo é negado, não há a identificação do amor-próprio e as relações humanas ficam cada vez mais comprometidas, assim como o respeito às diferenças.

---

[11] Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2015/12/30/cultura/1451504427_675885.html?rel=mas. Acesso em Julho de 2017.

> Amar o próximo como amamos a nós mesmos significaria então respeitar a singularidade de cada um – o valor de nossas diferenças, que enriquecem o mundo que habitamos em conjunto e assim o tornam um lugar mais fascinante e agradável, aumentando a cornucópia[12] de suas promessas. (BAUMAN, 2004, p.101).

Ainda sobre o amor, Bauman reflete:

> "Amar significa abrir-se ao destino, a mais sublime de todas as condições humanas, em que o medo se funde ao regozijo numa amalgama irreversível. Abrir-se ao destino significa, em última instância, admitir a liberdade no ser: aquela liberdade que se incorpora ao Outro, o companheiro no amor" (BAUMAN, 2004, p.21)

A falta desse amor profundo e genuíno e o mergulho raso em relações incertas limita a formação do ser humano, as possibilidades de pensar, sentir e agir. Considerado pessimista, talvez as grandes pistas deixadas por Bauman são de que possivelmente estejamos chegando no auge da fragilidade, da cultura do descartável, do imediatismo e da solidão. Há uma crise global acontecendo em todas as esferas: política, econômica, social, e o futuro é cada vez mais imprevisível.

Antes mesmo da modernidade líquida começar, no Manifesto Comunista de 1848, Marx e Engels já anunciavam que: "Tudo o que era sólido se desmancha no ar, tudo o que era sagrado é profanado, e as pessoas são finalmente forçadas a encarar com serenidade sua posição social e suas relações recíprocas". E assim seguimos.

3.1.4 – O saber de cada um & *VenSer* quem se é, por Pierre Lévy

Pierre Lévy (Tunísia, 1956) é filósofo, sociólogo e pesquisador em ciência da informação e da comunicação e estuda o impacto da Internet na sociedade, as humanidades digitais e o virtual. Tem defendido a internet como importante instrumento de desenvolvimento social, enfatizando que a ferramenta tem cerca de 30 anos de uso e muito a se desenvolver e popularizar, lembrando que a escrita levou 3000 anos para chegar ao estágio atual, onde a grande maioria sabe ler e escrever.

---

[12] De acordo com o dicionário Priberam: Fonte de abundância

Em que pese o olhar e os estudos do autor para a potência do ciberespaço e das redes virtuais, nosso interesse e foco nesse trabalho é a visão e o entender de Lévy sobre os saberes de cada um.

Para essa investigação, escolhemos honrar e investigar o saber de cada um como um caminho para que cada um possa *Vir a Ser* quem se é, que se trata do propósito essencial da Pedagogia da Cooperação.

A inteligência coletiva

Para Pierre Lévy (2015) a inteligência coletiva é a inteligência distribuída por toda parte, por todos nós, que deve ser incessantemente valorizada, coordenada em tempo real, resultante de uma mobilização efetiva das competências. Para o autor, a base e o objetivo da inteligência coletiva são o reconhecimento e o enriquecimento mútuos das pessoas.

A partir do princípio de que “ninguém sabe tudo, todos sabem alguma coisa, todo o saber está na humanidade” o autor busca criar ferramentas para dar suporte à inteligência coletiva no ambiente virtual, o chamado ciberespaço.

Segundo Lévy o ciberespaço permite que os indivíduos mantenham-se interligados independentemente do local geográfico em que se situam. Ele desterritorializa os saberes e funciona como suporte ao desenvolvimento da inteligência coletiva.

Para Bembem e Costa (2013), a inteligência coletiva é uma forma de valorização das capacidades individuais, a qual se propõe a colocar em sinergia os indivíduos por meio da utilização das tecnologias, a fim de reuni-los para que compartilhem aquilo que de mais precioso possuem – a inteligência.

Desafios e oportunidades

Os desafios e as oportunidades da proposta de Pierre Lévy (2015) se entrelaçam: ao mesmo tempo em que desafia, o tratamento da informação de forma distribuída e coordenado por toda parte é a oportunidade de devolver o poder às mãos de cada um.

> O problema da inteligência coletiva é descobrir ou inventar um além da escrita,
>
> um além da linguagem tal que o tratamento da informação seja distribuído e coordenado por toda parte, que não seja mais o apanágio de órgãos sociais separados, mas se integre naturalmente, pelo contrário, a todas as atividades humanas, volte às mãos de cada um. (LÉVY, 2015, p.17)

Para Lévy (2015), “os instrumentos da comunicação e do pensamento coletivo não serão reinventados sem que se reinvente a democracia, uma democracia distribuída por toda parte, ativa, molecular.”(p.15)

> A democracia em tempo real organiza não a visão de um poder sobre a sociedade (totalitarismo), não o espetáculo do poder (regime midiático), mas a comunicação da comunidade consigo mesma, o conhecimento de si do coletivo. Ao faze-lo, ela suprime a justificação do poder. Pois é precisamente quando o coletivo não conhece a si mesmo, não controla sua própria dinâmica e não consegue produzir enunciados complexos que um poder é necessário. Para se manter, esse poder procura incessantemente impedir o surgimento de uma inteligência coletiva que levaria a comunidade a prescindir dele. (LÉVY, 2015, p.80)

Como caminho para a viabilização, ou sustentação, da democracia em tempo real Lévy (2015) sugere a reinvenção do laço social em torno do aprendizado recíproco, da sinergia das competências, da imaginação e da inteligência coletiva.

> Essa visão de futuro organiza-se em torno de dois eixos complementares: o da renovação do laço social por intermédio do conhecimento e o da inteligência coletiva propriamente dita. A questão da construção ou reconstrução do laço social é especialmente sensível ao momento em que os grupos humanos implodem, cancerizam-se, perdem seus pontos de referência e veem suas identidades se desagregar. (LÉVY, 2015, p.26)

Onde Bauman (2004) vê as relações se desfazendo, ou liquefazendo Lévy vê oportunidade de potencializarmos a nossa inteligência coletiva, por meio de um Espaço do Saber, no próprio ciberespaço.

> Não se trata apenas de raciocinar em termos de impacto (qual o impacto das infovias na vida política, econômica ou cultural), mas também em termos de projeto (com que objetivo queremos desenvolver as redes digitais de comunicação interativa?). (LÉVY, 2015, p.13)

O autor não percebe o ciberespaço como o caminho da salvação da humanidade, mas acredita no poder da sua potência e na capacidade da sociedade em influenciar o que ele vê como uma mudança de era: do Espaço do Saber

Para Lévy (2015), “o virtual é uma potência do real, e vice-versa, nos mostrando que a rede pode expandir desde questões que sempre enobrecem o desenvolvimento humano como também propagar os nossos piores conflitos.”[13]. No entanto, em seu entender, nós podemos influenciar:

> Ao contrário do que ocorreu no momento do nascimento de nossa espécie, ou por ocasião da primeira grande mutação antropológica (a do neolítico, que viu surgir a pecuária, a agricultura, a cidade o Estado e a escrita), temos agora a possibilidade de pensar coletivamente essa aventura e influenciá-la. (LÉVY, 2015, p.15)

O outro e o saber

O saber do outro

O outro saber

> Em nossas interações com as coisas, desenvolvemos competências. Por meio das nossas relações com os signos e com a informação adquirimos conhecimentos. Em relação com os outros, mediante iniciação e transmissão, fazemos viver o saber. (LÉVY, 2015, p.27)

Para a mediação das relações humanas, desafio apresentado por Bauman (2004), Lévy (2015) defende explícita, aberta e publicamente o aprendizado recíproco. Para ele as identidades tornam-se identidades de saber e as consequências éticas são imensas: “Quem é o outro? É alguém que sabe.”

> Como eu, ele ignora bastante e domina alguns conhecimentos. Como nossas zonas de inexperiência não se justapõem ele representa uma fonte possível de enriquecimento de meus próprios saberes. Ele pode aumentar o meu potencial de ser, e tanto mais quanto mais diferir de mim. (...) Fonte possível de minha potência, ao mesmo tempo em que permanece enigmático, o outro torna-se, sob todos os aspectos, um ser desejável. (LÉVY, 2015, p.27 e 28)

---

[13] Disponível em: http://www.fronteiras.com/artigos/a-essencia-da-internet. Acesso em Junho de 2017.

A perspectiva do Outro como fonte de potência, um ser desejável, é encantadoramente transformadora: em diálogo com Martin Buber (2006), o outro deixa de ser “ISSO” e vive a potência do ser TU. Nessa perspectiva de Lévy (2015), o diferente, o forasteiro, o desconhecido deixam de ser criaturas a serem afastadas (SENNET, 1978, apud BAUMAN, 2004, p.48) e passam a ser “desejáveis”.

Entre reconhecer ou não a inteligência coletiva, e o saber de cada um, Pierre Lévy (2015) explicita o seu pensar:

> Na era do conhecimento, deixar de reconhecer o outro em sua inteligência é recusar-lhe sua verdadeira identidade social, é alimentar seu ressentimento e sua hostilidade, sua humilhação, a frustração de onde surge a violência. (LÉVY, 2015, p.30)

> No espaço que emana da inteligência coletiva, encontro desse modo o outro humano, não mais como um corpo carnal, uma posição social, um proprietário de objetos, mas como um anjo, uma inteligência em ato - em ato para si, mas em potencia para mim. (LÉVY, 2015, p.94)

3.1.5 – O outro em nossas vidas – Diálogo com autores

Não há de ser “por acaso” que escolhemos Buber, Bauman, Lévy e Brotto para as nossas referencias teóricas, e nosso diálogo, nessa investigação. Em que pese olhares mais ou menos otimistas, como os de Lévy e Bauman para a internet e redes sociais, por exemplo, a mensagem que nos chega é bastante semelhante. Por caminhos particulares, os autores nos chamam a atenção para a riqueza e o papel do Outro em nossas vidas e, a partir daí, a importância das “relações humanas”.

- ✓ Buber e Bauman nos alertam para os resultados da priorização da relação EU-ISSO, ou coisificação do Outro.
- ✓ Lévy, Bauman e Brotto nos fazem lembrar a encantadora beleza das diferenças e respeito às singularidades de cada um – e o potencial de troca e aprendizagem.

Para alguns dos desafios apontados por Buber, Bauman e Lévy, a Pedagogia da Cooperação, proposta por Brotto, pode ser um caminho para: o encontro com o

TU, o acolhimento e a valorização das diferenças e a reinvenção dos laços sociais para que possamos re-encontrar a nossa *comum-unidade*. São autores que reforçam e sustentam o propósito do *"VenSer quem se É".*

E quanto à nossa pesquisa, os autores nos ajudam a olhar para algumas de nossas *in-quieta-ações* e nos trazem outras *provoca-ações*. Enquanto Buber, Bauman e Lévy se aprofundam nas análises e reflexões, indicando caminhos possíveis (ou os "não recomendados"), Brotto, ao apresentar a Pedagogia da Cooperação, também embasada nestes e em outros conceitos, nos oferece uma proposta de sete práticas para, a partir da criação de espaços cooperativos, nos encontrarmos com nós mesmos e com os outros.

3.2 METODOLOGIA

Considerando os objetivos propostos, este trabalho classifica-se como pesquisação, na qual o observador e seus instrumentos desempenham papel ativo na coleta, análise e interpretação dos dados:

> ... um tipo de pesquisa social com base empírica que é concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou com a resolução de um problema coletivo e no qual os pesquisadores e os participantes representativos da situação ou do problema estão envolvidos do modo cooperativo ou participativo. (THIOLLENT, 1985, p.14, apud GIL, 2008, p.47).

Para tanto, realizamos um encontro de dois dias (03 e 04 de junho de 2017), totalizando 20 horas de aplicação das sete práticas da Pedagogia da Cooperação, junto a um grupo “espontâneo”, constituído especialmente para essa investigação, na intenção de dialogar sobre relações humanas.

3.2.1 Coleta de dados

Os dados foram coletados a partir de observação e questionários e a avaliação também foi feita por meio dos indicadores DIVER – método criado na Pedagogia da Cooperação para mensurar “indicadores de cooperatividade”, conforme mencionado no capítulo *Referencial Teórico / A Pedagogia da Cooperação, por Fábio Brotto,* e posteriormente no capítulo *Análises.*

3.2.1.1 Observação

> A observação é uma técnica de coleta de dados para conseguir informações e utiliza os sentidos na obtenção de determinados aspectos da realidade. Não consiste apenas em ver e ouvir, mas também em examinar fatos ou fenômenos que se desejam estudar. (MARCONI E LAKATOS, 2003, p.191)

Para a nossa pesquisa utilizamos as seguintes modalidades de observação:

a) Observação sistemática**:** através de anotações, observamos o grupo tendo em mente a pergunta de pesquisa e hipóteses levantadas.
b) Observação em equipe**:** por mais que a cada momento um de nós estivesse responsável pela observação, todos observamos juntos os

mesmos pontos, partindo da pergunta de pesquisa e hipóteses. No momento posterior à aplicação foi importante trocar esses diferentes olhares sobre um mesmo ponto, aumentando assim a construção coletiva de sentido sobre os resultados do encontro.

c) Observação não participante**:** tomamos contato com o grupo, mas quem era responsável direto pela observação ficava de fora das atividades, em busca de um olhar que presencia o fato, mas que não se deixa envolver por ele.

Dessa forma, nos revezamos nas três dimensões da chamada Focalização Colaborativa, a Ativa-Intuitiva-Apoiativa. A dimensão ativa representa o focalizador que assume a responsabilidade de aplicar as atividades diretamente; a apoiativa, como o próprio nome sugere, diz respeito ao focalizador que apoiará o desenvolvimento da atividade (marcando tempo, fazendo anotações, participando, se necessário); e a intuitiva significa assumir um papel de observador, a fim de identificar sutilezas relacionadas ao comportamento e energia do grupo, também apoiando o focalizador ativo a garantir um bom ritmo e andamento da trilha proposta.

3.2.1.2 Questionário

"Questionário é um instrumento de coleta de dados, constituído por uma série ordenada de perguntas, que devem ser respondidas por escrito e sem a presença do entrevistador." (MARCONI E LAKATOS, 2003, p.200)

Escolhemos o questionário como um dos métodos de coleta de dados porque acreditamos que suas qualidades ajudam na criação de um espaço de reflexão onde cada um pode se debruçar com mais privacidade e tempo sobre suas percepções, tanto do que estava por vir (questionários prévios), quanto do que foi vivido (questionários pós).

Eis algumas das qualidades do questionário:

> Há maior liberdade nas respostas, em razão do anonimato; Há mais segurança, pelo fato de as respostas não serem identificadas; Há menos risco, de distorção, pela não influência do pesquisador; Há mais tempo para responder e em hora mais favorável. (Marconi e Lakatos, 2003, p.202)

Para a criação do questionário utilizamos dois tipos de perguntas:

- Abertas: permitem a resposta livre do participante, utilizando linguagem própria e emitindo opiniões.
- Múltipla escolha: perguntas fechadas onde o participante escolhe uma dentre as diferentes respostas possíveis.

Os questionários encontram-se disponíveis no Apêndice 1, página 68.

3.2.1.3 Indicadores DIVER

De acordo com Minayo (2009), a definição do termo “indicador” varia pouco de autor para autor. No geral, os pesquisadores consideram que os indicadores constituem parâmetros, quantitativos ou qualitativos, para verificar se os objetivos de uma proposta estão sendo bem conduzidos (avaliação de processo) ou foram alcançados (avaliação de resultados) – uma espécie de sinalizadores da realidade.

A autora enfatiza que autores e instituições concordam que indicadores podem ser construídos para medir ou revelar aspectos relacionados a diversos planos em observação: níveis individuais, coletivos, associativos, políticos, econômicos e culturais.

Para Takashina (1999, apud SOLIGO 2012, p.08), os indicadores são representações quantificáveis das características de produtos e processos, sendo assim utilizados para a melhoria da qualidade e desempenho de um produto, serviço ou processo, ao longo do tempo.

De acordo com Brotto (2016), na Pedagogia da Cooperação, os indicadores tem a finalidade de favorecer o acompanhamento, avaliação e contemplação dos “efeitos-e-afetos” resultantes de sua aplicação, para além de questões cognitivas.

Para esse monitoramento, foi construída a matriz DIVER, composta por 4 indicadores por meio dos quais é possível observar, ou não, a manifestação da Cooperação. São eles:

1. *DIVERdade* – monitora se a experiência é vivida com desapego.
2. *DIVERtido* – monitora se a experiência é vivida com integridade;
3. *DI VER gente* – monitora se a experiência é vivida com plena atenção;

4. DIVER – monitora se a experiência é vivida com abertura para compartilhar.

Ainda que “o conteúdo e a escala de contemplação possam ser adaptados de acordo com o contexto”, para essa pesquisa adotamos a matriz sugerida por Brotto (2016).

Mais detalhes sobre os resultados no capítulo Análise.

3.2.1.4 Grupo de aplicação

Um grupo otimista. Além de saber quantos homens, quantas mulheres, de quais idades, essa foi a primeira fotografia que tivemos do grupo, a partir de um questionário *(apêndice 1)* enviado antes do nosso encontro presencial. De 11 participantes, 9 responderam nossas perguntas (destaque para *“Você se considera otimista ou pessimista quanto às relações humanas? Em que situações?”*), e 7 foram categóricos ao afirmar “otimista!” – os outros dois se consideraram “uma realista esperançosa” e “em alguns momentos otimista”.

Um grupo espontâneo, mas nem tanto assim. Dos 11, sete participantes se conheciam bem, muito bem talvez – uma turma de amigos há mais de 10 anos. E mais: além de amigos, seis deles formavam casais, sendo que dois desses casais estão juntos há mais de cinco anos. Outros três participantes também já se conheciam, por fazer parte de um movimento universitário, sendo que dois hoje empreendem juntos a iniciativa. E uma participante que não conhecia os demais.

O convite foi feito por nós, focalizadores, para amigos próximos e que já tivessem demonstrado algum interesse sobre o tema (relações humanas) ou sobre o nosso processo com a Pedagogia da Cooperação.

Figura 1- Convite do evento (Julho.2017)

A média de idade foi de 28 anos, sendo o participante mais velho com 32 anos e o mais novo com 22. Cinco mulheres e seis homens. Dois participantes diretamente do nordeste – nasceram em Pernambuco e João Pessoa e hoje moram em São Paulo.

É um grupo que, aparentemente, já chega querendo construir, cocriar, se disponibilizar. No convite, perguntamos qual a motivação de participar de um encontro sobre Relações Humanas e a palavra curiosidade foi a que mais se repetiu, assim como a vontade de conhecer mais sobre o tema. Alguns queriam “explorar outros círculos, calçar os sapatos de outras pessoas e quem sabe construir novas maneiras de se aprofundar”; outros buscavam se “aprofundar nas relações cotidianas e também [se] libertar de algumas couraças pessoais”; ou ainda “pensar em conjunto (...) e buscar novas ideias!”.

O cenário inicial parecia bastante favorável para criarmos um ambiente criativo e colaborativo para colocar em pauta e buscar soluções conjuntas para uma questão tão complexa quanto o aprofundamento das relações humanas.

3.3.1.5 Trilha da Aplicação das 7 práticas da Pedagogia da Cooperação

A trilha completa e o detalhamento das dinâmicas encontram-se disponíveis no Apêndice 2, a partir da página 70.

Foram muitas horas de preparo para a aplicação das sete práticas da Pedagogia da Cooperação. O planejamento para um encontro de 20 horas, com um tema específico e profundo como “relações humanas”, demandou de nós, focalizadores, uma atenção especial a cada atividade proposta; inúmeras revisões de percurso, para garantir o equilíbrio das práticas em dois dias. Além do percurso completo da trilha, preparamos também um “baú de atividades” para recorrer e ajustar a programação, caso fosse necessário.

Desde o princípio, sabíamos que o fato do grupo se conhecer ou não previamente mudaria o rumo da trilha. Confirmada a presença de um grupo “médio” espontâneo, como apresentado acima, decidimos seguir com uma proposta em que atividades de troca e aprofundamento entre pares e entre o grande grupo seriam essenciais para garantir que o tema do encontro viesse à tona e eles se sentissem provocados a discuti-lo.

Algumas premissas orientaram as nossas escolhas:

- ✓ Propiciar e cuidar dos tempos de decantação e reflexão individuais durante a vivência, para que os *insights* pudessem ser acolhidos;
- ✓ Criar espaços para acessar e deixar emergir a inteligência coletiva;
- ✓ Valorizar e respeitar as trocas do grupo, nas rodas de conversa – a decantação do e no coletivo.

Optamos por aquecimentos que criassem (ou ampliassem) aos poucos a intimidade entre o grupo, como, por exemplo, provocando um "olho no olho", durante o jogo "Trânsito", logo no *Com-tato*; ou então com as perguntas que deveriam ser respondidas na confecção do crachá, "o que acende minha chama?; qual personagem me representa?; qual característica que tenho e gostaria de distribuir para o mundo?; e qual brincadeira de infância você gostava?" – e que foram tema de uma primeira conversa mais longa. Ou ainda, no aquecimento das *In-quieta-ações*, em que os participantes foram instigados a participar do jogo "Só perguntas" sendo "memória" o tema da primeira rodada.

O fortalecimento dos laços e confiança entre os membros do grupo, para nós e no desenvolvimento desta trilha, esteve o tempo todo atrelado ao mergulho nas relações estabelecidas ali, naquele final de semana – por isso a escolha da "Investigação Apreciativa" como principal atividade do bloco de Alianças e Parcerias, sendo que as três perguntas tiveram como foco abordar: uma experiência marcante no último mês; as habilidades e super poderes que a pessoa enxergasse em si mesma; e a escolha de uma pessoa especial. E assim a trilha seguiu com o reconhecimento e apreciação das habilidades ali (re)descobertas – próprias, do outro e do grupo.

Jogos como "tocô colô", "bolinhas, bexigas e taças", "retrato lúdico" e "teia" permearam momentos específicos do percurso, com o objetivo de fazer com que os participantes saíssem da teoria, se encontrassem em um caminho mais "subjetivo", sentindo no corpo alguns conceitos que depois foram apresentados, como interdependência e sinergia (trabalho em grupo).

Danças circulares e atividades musicais foram importantíssimas para equilibrar a energia do grupo e complementaram a programação, especialmente nos momentos de celebração, início e encerramento do dia.

3.3 ANÁLISE

Senhoras e senhores, com vocês, a aplicação das sete práticas da Pedagogia da Cooperação!

1ª Prática: O COM-TATO (Conectar)

"Quem somos nós quando nos unimos uns aos outros?[14]" (BROTTO, 2016, p.16)

Somos o abraço caloroso e a acolhida; somos o desconforto e a abertura; somos os olhares diferentes; somos a (des)conexão com estranhos e conhecidos; somos o desafio, a esperança e a curiosidade.

E foi assim que os 11 inscritos chegaram para o nosso encontro, às 8h30 da manhã do dia 03 de junho de 2017.

De acordo com Fabio Brotto (2016), nessa primeira prática o objetivo é "promover o contato, aproximação e integração. Reunir o grupo para começar junto. Ser um ponto de partida acolhedor, atraente e que desperte a curiosidade e a vontade de continuar junto".

Por mais simples que pareça essa prática, foram notáveis o tempo e a atenção dedicados em sua proposição e ajustes, até a noite anterior à aplicação. Nesse momento da análise, percebemos os resultados do investimento que fizemos em cada um dos ajustes e comentários compartilhados entre nós.

Ao pensar e decantar o *com-tato*, nos damos conta de que seu início "extra oficial" se deu desde a inscrição quando, além dos dados pessoais solicitamos que cada um registrasse suas motivações para estar conosco, para conversarmos sobre o tema "relações humanas". O aquecimento seguiu nas trocas de e-mails, nos formulários prévios e "desembocou" no café com que carinhosamente esperamos o grupo.

A expectativa sobre o que aconteceria e como seriam esses dois dias era comum tanto entre nós focalizadores, quanto no grupo que se formava: tínhamos vinte horas de convivência pela frente, em dois dias de jornada e vivência da Pedagogia da Cooperação.

---

[14] Na Pedagogia da Cooperação, cada uma das sete práticas traz uma pergunta inspiradora para a respectiva vivência.

A acolhida de cada um de nós – dos nossos corpos, pensamentos e emoções – em círculo e silêncio, nos parece agora ainda mais apropriada nesse momento da análise: o espaço e a oportunidade para o perceber e observar; o respeito e o acolhimento de cada um dos universos que ali chegava.

As boas-vindas trouxeram a nossa alegria e gratidão por estarmos ali e alguns convites de nossa parte:

1. à presença de cada um;
2. ao não saber, pois de acordo com Brotto (2017), “a cooperação se dá no espaço do não saber, onde efetivamente precisamos do outro”.
3. que cada um seja um ativador, para que o grupo seja o que tiver que ser.

Como se revolvendo um solo fértil, a ser cultivado, começávamos a convidar cada um a contribuir com o seu nutriente para a fertilização do que estivesse para florescer desse grupo que se formava.

Os momentos de decantação individual tiveram início nessa etapa e seguiram por todo o percurso, honrando a importância do “se dar conta” e abrindo espaço para o início da apropriação das experiências.

Ao convidarmos as vozes que quisessem se manifestar para trazerem as suas percepções sobre as atividades propostas nesta primeira etapa, ouvimos depoimentos que afirmavam: “[houve um] crescente do contato”, “o abraço gostoso”, “a leveza e o riso”, “não me sinto confortável em me conectar (olhar nos olhos) com desconhecidos”, “não me sinto confortável em lugares assim” e “não gostei do toque no nariz”[15].

Os incômodos apresentados, de forma aberta e serena, nos indicaram que o campo, ou solo, estava sendo preparado e a confiança e a abertura para compartilhar se faziam presentes.

Bauman (2004) cita o filósofo dinamarquês K.E. Logstrup para trazer a confiança como um “derramamento natural da expressão soberana da vida”. Para a Pedagogia da Cooperação, na jornada de criação de um campo colaborativo, Brotto (2016) também apresenta a confiança como item essencial: "cooperação, confiança e respeito mútuo parecem ser um dos alicerces principais para a co-evolução humana".

---

[15] Na **dinâmica do Trânsito**, um dos convites era que os participantes trocassem de lugar tocando o nariz do outro – e uma pessoa não tinha boas lembranças com relação a isso e expressou seu incômodo e a alegria dos amigos em tocar o seu nariz.

Na coleta de dados, recebemos o registro de que esse momento do *com-tato* foi um dos momentos de destaque da jornada proposta: “(...) foi muito efetivo para abrir o espaço da descontração e aproximação”(P.S.).

Além da confiança, que estava sendo nutrida por todo o grupo, os participantes (e focalizadores) trouxeram os seus próprios nutrientes – uma característica que gostariam de distribuir para o mundo – para a composição do nosso solo de cultivo:

otimismo | tranquilidade | sinceridade | liberdade | proatividade | serenidade | respeitar as diferenças | sorriso | buscar compreensão | organização | responsabilidade | independência | empatia

E se “no princípio é relação”, como afirma o filósofo Martin Buber (2006), começava aí a tessitura da relação entre os indivíduos do grupo – que, além de dialogar sobre o tema de relações humanas, como foram convidados, também iriam vivenciá-lo, na prática, no corpo, durante os dois dias.

De acordo com Buber (2006), é no encontro presente que o Eu descobre o outro (Tu) e o Eu se descobre no outro também – se re-conhece e, conforme afirma Brotto (2016), “quando não se re-conhece o outro, não há estímulos para uma boa *com-vivência*”.

> É um penetrar audacioso no outro, potente como um voo, penetrar no outro que reivindica o movimento mais intensivo do meu ser, à maneira de toda fantasia verdadeira, só que aqui o campo de minha ação não é o todo possível, mas a pessoa real e singular que vem ao meu encontro, que eu posso tentar tornar presente para mim, assim mesmo, e não de outra forma, na sua totalidade, sua unidade e unicidade, e no seu centro dinâmico que realiza tudo isto sempre de novo. (BUBER, 2009, p.148)

2ª Prática: O COM-TRATO (Cuidar)

“Quais são os cuidados que precisamos ter para conviver bem aqui, durante o tempo em que estivermos juntos?” (Brotto, 2016, p.16)

Segundo Brotto (2016), esse momento da trilha tem como objetivo “que cada pessoa e todo o grupo tenha conhecimento dos cuidados necessários para

promover e sustentar uma sensação de bem-estar pessoal e coletivo".

O pensar sobre as próprias necessidades para a convivência nesses dois dias demandou o tempo de algumas respirações até que as canetas saíssem do apoio das testas para darem início às listas, não muito longas, nos papeis. Novamente damos destaque ao tempo para o pensar, decantar, refletir e então apropriar.
De acordo com Lévy (2015), “para aprender, pensar, inovar e decidir em comum, é preciso tempo.”

Nas duas etapas seguintes, em que os participantes trocaram uns com os outros quais as necessidades levantadas, o silêncio deu lugar ao falatório e pouco se conseguia distinguir quais as palavras que pulavam dos papéis. Como primeiro exercício de escuta, o grupo demonstrou desapego e abertura para chegar em consensos.

As necessidades trazidas pelo grupo nos fazem sentir, ou indicam, a presença das quatro virtudes da Pedagogia da Cooperação: plena atenção, desapego, integridade e abertura para compartilhar.

acolhimento | escuta sem julgamento | entrega | leveza | descontração | corresponsabilidade | respeito com o outro, com o corpo, com o processo

Ao compartilhar significados, o grupo dialoga e passa a construir, em menor escala, a formação de uma cultura daquela comunidade que estava se formando (mesmo que momentaneamente e sem prazo de validade) – e assim adquirindo cada vez mais confiança entre si.

> Uma sociedade é um entrelaçamento de relações que as pessoas estabelecem para poder viver juntas: regras, leis, instituições e várias outras coisas. Tudo isso é feito por meio do pensamento e do consenso de que conseguiremos o que queremos, por isso o fazemos. Por trás de tudo está a cultura, que é um comprometimento compartilhado.” (BOHM, 2005, p.67)

Da nossa parte, como focalizadores, também trouxemos pedidos:

confidencialidade | licença para registros (escritos e fotográficos) | pontualidade | bom senso no uso do celular

Na medida em que o grupo chegava a um consenso sobre as necessidades mais pulsantes para que o encontro acontecesse da melhor forma para todos, já estávamos presenciando evidências das premissas da Pedagogia da Cooperação em ação. De acordo com Brotto (2016), “a relevância de uma abordagem como esta, está no fato de poder ser uma contribuição para o desenvolvimento de um mundo possível para todos sem exceção, porque favorece o despertar do que é mais genuíno nas pessoas, grupos, comunidades e organizações”.

Além disso, encoraja a atuação colaborativa – em que a corresponsabilidade é essencial para o andamento das atividades.

Ainda que a sensação de que já estávamos num ambiente de confiança pairasse no ar, sustentar essa atmosfera dependia do grupo – especialmente em um mundo que “parece estar conspirando contra a confiança”, como afirma Bauman (2004). No entanto, cabe lembrar, como expõe Logstrup novamente em diálogo com o filósofo, a essência do ser humano é “que normalmente encaremos uns aos outros com natural confiança (...) e nunca suspeitamos da falsidade de uma pessoa até que a tenhamos apanhado numa mentira”. (1997, apud BAUMAN, 2004, p 108)

Na assinatura do *com-trato*, as ofertas de cada um (habilidades que colocariam à disposição do grupo) reforçaram a presença das quatro virtudes e a potência das singularidades:

energia | minhas memórias |disponibilidade| comprometimento | compreensão | presença (2x) | humildade | vontade | escuta | inteireza | entusiasmo | *teias.*

O participante que ofereceu suas *teias* (e não por acaso havia revelado mais cedo que se fosse para ser um personagem seria o Homem Aranha), afirmou que queria disponibilizar sua “flexibilidade, porém firmeza, capaz de sustentar o outro” (P.A.).

Para Bauman (2004), “amar o próximo como amamos a nós mesmos significaria então respeitar a singularidade de cada um – o valor de nossas diferenças, que enriquecem o mundo que habitamos em conjunto e assim o tornam um lugar mais fascinante e agradável”.

Eram os laços da *com-vivência* se estreitando.

Nesse momento do processo, começa a se desenhar a potência do grupo. São as raízes se firmando para possibilitar o crescimento do tronco, galhos e folhagens

que virão a seguir, ao compartilharem as inquietações, fortalecer as parcerias... até a celebração final, com os projetos já vivenciados.

Depois da leitura final do *com-trato* assinado, inclusive com a abertura e possibilidade de novos pedidos ao longo dos dias, era hora de celebrar o acordo. Se o pedido era entrar de cabeça, mergulhar, se entregar, que fosse com a ALMA! O convite, pra quem se sentisse a vontade e topasse a brincadeira, era entrar na dança – e todos toparam! E assim, com entrosamento, sorrisos e animação, fizemos a primeira dança circular do dia com o grupo.

Alma! / Deixa eu ver sua alma
A epiderme da alma
Superfície! / Alma!
Deixa eu tocar sua alma
Com a superfície da palma /
Da minha mão
Superfície!
(ANTUNES, 2001).

3ª Prática: AS IN-QUIETA-AÇÕES (Compartilhar)

"O que queremos descobrir juntos?" (BROTTO, 2016, p.17)

O objetivo desta etapa, de acordo com Brotto (2016), é "compartilhar perguntas, dúvidas, inquietações e incertezas sobre o tema/foco do encontro", nesse caso relações humanas.

O convite é para buscarem efetivamente o que não sabem e gostariam da ajuda do grupo para descobrir.

O campo das *in-quieta-ações* foi aquecido com a descoberta e encantamento pelas perguntas, ao participarem do jogo das perguntas[16], no qual só poderiam conversar por meio de questionamentos. "A gente estava querendo 'jogar a bola' na mão do outro para a conversa seguir, não era uma competição", disse uma participante (M.D.). "Tinha outra coisa além do que a gente estava dinamizando, a cada pergunta aprofundava um pouco mais", completou.

A disponibilidade do grupo possibilitou que alcançassem diferentes níveis de

[16] No "Jogo das Perguntas" a regra básica é que se estabeleça uma conversa somente com perguntas. A descrição detalhada da dinâmica encontra-se no Apêndice 2, p.73

profundidade durante o exercício: “de cara falamos sobre o que nunca falamos. Me fez olhar para mim de um jeito diferente”, disse L.F.. É interessante perceber que, nesse momento do percurso, o mergulho na relação passa a se delinear com mais entrega. Trazendo a pesquisadora Brené Brown (2013), isso tem a ver também com a vulnerabilidade: “estar vulnerável e aberto passa pela reciprocidade e é uma parte integrante do processo de construção da confiança” (p. 36).

Enquanto a maioria dos participantes procurava estabelecer um diálogo nas duplas, a partir do que poderia surgir do simples ato de fazer perguntas, alguns trouxeram outros pontos de vista: “Eu não pensei em nenhuma resposta em nenhuma pergunta; fazia uma e já pensava na outra. [Fiquei] curioso para saber as respostas” (E.G.). E perceberam que não era um movimento tão simples assim: “Senti dificuldade de fazer perguntas que não fossem opostas” (P.S.).

Despertado olhar curioso e atento para o poder das perguntas, seguimos para o que nos juntou: as *in-quieta-ações* sobre as relações humanas!

Os participantes foram convidados a, individualmente, pensar e registrar sobre “que perguntas – inquietações – eu tenho/trago sobre relações humanas”, sem filtros ou hierarquizações, simplesmente o mapeamento das *in-quieta-ações* que cada um trazia consigo.

Dos registros individuais, seguimos para trocas em pequenos grupos com o convite para que, ao final do processo, chegassem à seleção de seis *in-quieta-ações* que pulsavam mais forte e que gostariam de se aprofundar.

Com presença e tranquilidade o grupo alcançou o seguinte resultado:

Tabela 1 - *In-quieta-ações* escolhidas pelo grupo para seguir com o processo das sete práticas.

1. Porque temos medo de ser vulneráveis?
2. Porque está tão difícil se conectar?
3. Como as relações humanas impactam diretamente a economia/política?
4. Porque o silêncio incomoda?
5. Ir pelo túnel mostra mais o que temos de diferente e ir pelas bordas o que temos em comum?
6. O que é mais importante: ter vários colegas ou poucos amigos?

As *in-quieta-ações* foram colocadas em decantação e cultivo, até o momento de trazê-las de volta. Esse momento do processo é importante para que o grupo possa buscar o que os fortalece e os une, além de abrir um espaço propício para acessar a inteligência coletiva, respostas pouco óbvias e novas possibilidades.

Se “as respostas são a estrada que ficou para traz; e as perguntas, a abertura do caminho” (W.A.), como poeticamente disse um dos participantes, a forma presente, atenta, cuidadosa e interessada – de corpo e alma – como o grupo se envolveu na formulação e escolha das perguntas demonstrou o quanto o campo já estava sedimentado e aberto para os próximos trechos do percurso.

4ª Prática: ALIANÇAS E PARCERIAS (Confiar)

“O que nos fortalece e nos torna como-um?! (BROTTO, 2016, p 17)

Fabio Brotto (2016) afirma que esse é o momento de "exercitar habilidades de *com-vivência* (autonomia, parceria, respeito mútuo, confiança, empatia, inclusividade, etc) para restaurar e/ou fortalecer as relações de parceria e cooperação no grupo".

A possibilidade do grupo encontrar o seu ritmo e sua harmonia no tempo de uma dança circular trouxe para o corpo e a alma a leveza do sorriso que brotava nos rostos de cada um. Nesse sentido, para a escolha e proposição das danças, lembramos um dos procedimentos da Pedagogia da Cooperação – do simples para o complexo – respeitando o perfil do grupo.

A caminhada poética, com o convite para novos olhares e andares, trouxe com a ludicidade, a presença e a atenção. Segundo Buber (2006?): "(...) o homem encontra o Ser e o devir como aquilo que o confronta mas sempre como *uma* presença e cada coisa ele a encontra somente enquanto presença; aquilo que está presente se descobre a ele no acontecimento e o que acontece, se apresenta a ele como Ser”. Para o filósofo, é na presença e no encontro que a relação acontece. “Os encontros não se ordenam de modo a formar um mundo, mas cada um dos encontros é para ti um símbolo indicador da ordem do mundo”.

Foi essa qualidade de presença que abriu o campo para a atividade seguinte: a dinâmica das bolinhas, bexigas e taças, onde o foco da observação foi voltado para o corpo: o que cada um estava sentindo naquele momento?

Na roda de partilha, observamos a potência de um jogo cooperativo ao despertar reflexões sobre questões e vivências de cada um. Entendendo o grupo como um microcosmo da sociedade em que estamos inseridos, temas inquietantes e que são investigados e explorados pela Pedagogia da Cooperação vieram à tona:

- A naturalização da lógica competitiva:

_ “Mais difícil é tirar senso de competição da cabeça, ser colaborativo com o grupo, não se comparar” (T.K).

_“O automático é JOGAR, e não PASSAR a bola” (P.A.).

- O apego ao verbal e ao racional como forma de comunicação hegemônica:

_“A gente insiste em achar que só existem palavras para expressar tudo” (T.K.).

- O aprendizado de sermos corresponsáveis sem perdermos a leveza (pode ser divertido):

_“O máximo que poderia acontecer era quebrar uma taça, e porque havia tanta tensão?” (M.D.)

- Como lidamos com nossas vulnerabilidades em um coletivo:

_ “Quando chegaram as taças logo pensei: vai ser na minha mão que vai quebrar” (C.M.)

São momentos como esse em que nascem os insights e que propiciam as chamadas *“viradas de chave”* na consciência das pessoas, assim como o abandono do pensamento linear.

> O pensamento complexo pressupõe uma abertura para a aleatoriedade, a surpresa, as transformações. Eis que ele requer que abandonemos a ideia fixa de ter sempre que provar algo, a ideia da coerência constante (como se isso fosse possível), o estar sempre em guarda em relação às contradições – enfim, a atitude de estar sempre competindo. (Humberto Mariotti, 2008, p.37)

Para o mapeamento e apropriação das habilidades a investigação apreciativa trouxe as seguintes propostas de pesquisa e entrevista:

1. Qual o melhor momento que você viveu no último mês? Por que ele foi tão significativo para você? O que você aprendeu com essa experiência?
2. Quais são as suas habilidades/superpoderes? Pense em duas histórias em que você precisou acessar os seus superpoderes.

3. Escolha uma pessoa especial em sua vida atualmente. Por que ela é tão especial para você?

Na roda de partilha, a surpresa e o encantamento com o poder da apreciação se fizeram presentes por meio de temas como empatia, escuta, vulnerabilidade, abertura e descoberta, além de um diálogo com uma das *in-quieta-ações:* "Será mesmo que está tão difícil se conectar?", indagou a participante M.D..

Esse trecho do percurso possibilitou ao grupo novos olhares, até mesmo para os que já se conheciam há muito tempo, caracterizando a formação de novos significados compartilhados.

> O significado compartilhado é a amálgama que mantém a coesão social, e é possível dizer que nos dias atuais[17] tal amálgama é de muita má qualidade. Se você construir um edifício com um cimento ruim, ele rachará e desabará. Precisamos do cimento adequando, da cola certa - e eles são o significado compartilhado. (Martin Buber, 2006, p.69)

Após a realização da atividade, o registro das habilidades identificadas pelo próprio grupo deu luz e forma à riqueza e abundância presentes, conforme quadro abaixo:

[17] Vale ressaltar que, quando Buber fala em "dias atuais", está se referenciando ao começo do século XX, mais precisamente o ano de 1923, quando o livro foi escrito.

Tabela 2 - Habilidades pessoais e do grupo mapeadas durante a prática Alianças e Parcerias. As palavras em negrito foram mencionadas mais de uma vez.

Habilidades Pessoais	**Habilidades do Grupo**		**Habilidades do Grupo** *(outras percepções)*	
leveza	disponibilidade	determinação	empatia	
olhar apreciativo	coeso		acolhimento	
escuta	disposição	autêntico	**abertura**	
flexibilidade	**abertura para compartilhar**	**leveza**	sutileza	**leveza**
olhar	emoção	crítico	parceria	curiosidade
ajudar o próximo	respeito	**abertura**	verdadeiro	serenidade
escuta	energia boa	entrega	partilha	experiência
intermediação	companheiro	**cuidado**	afeto	**cuidado**
conector	divertido	entrega	disponibilidade	desafios
cuidado	abstração	esperança	entrega	
ouvir	vontade	curiosidade	interesse	
vulnerabilidade	**leveza**	autenticidade	atenção	
confiar	inquietação	carinho	acolhimento	
força	sensibilidade	harmonia	**abertura**	

Ao contemplar essa abundância, um dos participantes compartilhou a sua *in-quieta-ação*: "...como esse capital [humano] gera valor para a sociedade?" (P.A.).

> Para mobilizar as competências é necessário identificá-las. E para apontá-las é preciso reconhecê-las em toda sua diversidade. Os saberes oficialmente válidos só representam uma ínfima minoria dos que hoje estão ativos. Essa questão do reconhecimento é capital, pois ela não só tem por finalidade uma melhor administração das competências nas empresas e nas coletividades em geral, mas possui igualmente uma dimensão ético-política. Na era do conhecimento, deixar de reconhecer o outro em sua inteligência é recusar-lhe sua verdadeira identidade social, é alimentar seu ressentimento e sua hostilidade, sua humilhação, a frustração de onde surge a violência. Em contrapartida, quando valorizamos o outro de acordo com o leque variado de seus saberes, permitimos que se identifique de um modo novo e positivo, contribuímos para mobilizá-lo, para desenvolver nele sentimentos de reconhecimento que facilitarão, consequentemente, a implicação subjetiva de outras pessoas em projetos coletivos. (LÉVY, 2015, p.30)

Nessa etapa o grupo reconheceu suas singularidades e potências, fortalecendo-se para as etapas seguintes da trilha. Acreditamos que reconhecer nossas habilidades é um ato político de empoderamento e mobilizador de

transformações sociais.

A conexão sentida naquele momento chamava a atenção: como o grupo que se formou no início do dia chegava ao início da noite com o sentimento de aproximação, pertencimento e confiança tão fortes?

Para nós, focalizadores, era o campo aberto pela Pedagogia da Cooperação, na medida em que ela se propõe a “organizar e sistematizar uma abordagem que favorece o despertar do que é mais genuíno nas pessoas (...). Em outras palavras, inspira o desenvolvimento do ‘melhor’ em cada um, ao invés do ‘ser melhor’ que todos os outros”, como explica Fabio Brotto (2016).

Pierre Lévy vai além, ao explicar a construção do saber conjunto:

> O aprendizado, no sentido amplo, é também um encontro da incompreensibilidade, da irredutibilidade do mundo do outro, que funda o respeito que tenho por ele. Fonte possível de minha potência, ao mesmo tempo em que permanece enigmático, o outro torna-se, sob todos os aspectos, um ser desejável. (LÉVY, 2015, p.28)

E para a pergunta de fechamento, “como estou saindo?”:

Cuidar | Gratidão | Compaixão | Beleza | Iluminação | Permitir | Nutrido | Outro | Ritmo | Criança | Urgência | Humano | Profundidade | Vulnerabilidade | Energia | Alimento | Esclarecimento | Ternura | Necessidade | Gestos | Águas | Inquietações | Lampejos | Brincadeiras | Complexidade |

DIA 2 – Retomando...o COM- TATO

A pontualidade e presença de todo grupo no início das atividades do 2º dia nos indicou o interesse e o compromisso em seguirmos juntos.

Para o aquecimento, um dos participantes (W.V.) trouxe alguns movimentos de Tai Chi Chuan e um exercício de respiração. "Vocês estão realizando um sonho dele! Ele sempre quer apresentar o Tai Chi para as pessoas”, disse a namorada (C.M.).

Ainda que não tivéssemos inicialmente previsto a contribuição e participação dos integrantes do grupo na condução de dinâmicas, o recado ficou claro: a necessidade de ter espaços e abertura para a construção conjunta, como pregam a Pedagogia da Cooperação e a pesquisação.

Em uma rápida percorrida de olhares pelo espaço destacamos os registros que estavam se juntando nas paredes, com destaque para as habilidades mapeadas no final do dia anterior, em Alianças & Parcerias. Também foram agregadas às habilidades do grupo, as contribuições de dois dos participantes que não estavam presentes no momento do referido mapeamento.

A dança já conhecida (Ah! Se Eu Vou) e o exercício de desenhar uns aos outros, sem olhar para o papel, completaram a proposta de chegada e abertura do espaço para a partilha das percepções e reverberações do dia anterior:

"Ontem foi um dia forte. Há um tempo venho tentando olhar para as minhas relações, principalmente família e amigos. Saí transbordando e queria levar para o mundo. Fui encontrar um amigo que fazia tempo que não encontrava, perdi a conexão. Fui pra casa dele, as pessoas ficam surpresas quando não é algo utilitarista. Saí hoje cedo e outro vínculo se estabeleceu. Trouxe para a prática o que a gente viu aqui. Novos caminhos." (W.A.).

“Saímos pensando uma série de coisas. Sentimento de esgotamento. De repente eu estava cheio de coisas que precisavam sair. É uma grande experiência ver com outros olhos”, disse T.K.. Ele nos contou que, chegando em casa do encontro, olhou para o senhor que regava o jardim da entrada do apartamento e lhe deu boa noite olhando em seus olhos e isso mudou tudo. “Um pequeno gesto que fiz diferente do habitual, pra mim fez sentido – o quanto uma coisa pequena tem um impacto que a gente não consegue mensurar”.

Um participante (P.A.) relatou ter pensando nos pais, e na relação delicada que tem com eles. Fez um exercício de empatia, pensando nas dificuldades que tiveram para criá-lo e tentando compreender o lado deles.

Esses relatos nos remeteram a uma ação prática a partir do que foi vivido no dia anterior, mostrando para nós o quanto a Pedagogia da Cooperação provoca reflexões e novos agires. E quando esses lampejos são oferecidos ao centro da roda, abre-se um espaço de todos se (re)conhecerem durante o percurso, assim como tivemos a oportunidade de ver esse espaço se formando já no *com-tato* e no decorrer de todo o primeiro dia.

> Se me permito ver o outro, conhecendo seus sonhos, entendendo suas dificuldades, posso melhor conviver com ele e aceitar suas diferenças, inclusive aprender com elas. E este “reconhecer o outro” pode se dar apenas por um olhar de igual para igual: eu e você somos seres humanos e cada um dentro de sua existência percorre seu caminho do seu jeito, no seu tempo, passando ou não por dificuldades semelhantes à minha, sonhando..." (BROTTO, 2016, p.5)

E nesse reconhecimento e *com-vivência* vamos aprendendo juntos na trilha da vida:

> Aprender é entrar no mundo do outro. Mas ao mesmo tempo em que aprende, ou seja, transforma-se, o sujeito pensante reduz permanentemente o estrangeiro em si, transforma o outro em si, de tal modo que o estrangeiro deixa de ser apreendido como tal e torna-se necessário abrir novamente um caminho para fora. (LÉVY, 2015, p.101)

5ª Prática: SOLUÇÕES COMO-UNS (Cocriar)

Hora de caminhar no percurso para descobrir *“o que sabemos juntos que não sabemos sozinhos?”* (Brotto, 2016, p.17)

Para o grupo, inclusive, essa é uma pergunta que inspirou ser respondida com os seguintes insights:

Conviver | Sorrir | Viver | Entrega, abertura, flexibilidade | Diferenças. Diferentes opiniões, percepções, sentimentos | A soma é o poder do somos | Desenvolver o poder transformador da força coletiva | Sabemos um pouquinho de tudo, uma teia em constante alimentação de saberes mais plurais e variados | Riqueza | Cooperação

Na Pedagogia da Cooperação e na trilha que criamos, a proposta é vivencial, experimentar o conhecimento na prática. A dinâmica da teia trouxe para o corpo e para o grupo a vivência da conexão, a experiência da interdependência no aquecimento da chegada de um novo dia.

O desafio apresentado pela dinâmica foi rapidamente alcançado pelo grupo, e

mesmo assim a focalização abriu espaço para as vozes que quisessem se manifestar sobre “como e o que poderia ser melhor”. A partir de uma rápida voz dizendo que “nada”, aos poucos outras foram aparecendo: “E se fizéssemos sem poder nos comunicar verbalmente?”; “E se a gente tivesse feito curtindo mais o processo, nos observando?”; “Foi harmônico, foi rápido, me surpreendi!”; “Se tivesse sido ontem, acho que não teria dado tão certo”.

De volta às *in-quieta-ações*, os grupos guardiões escolheram os locais onde elas ficariam para inspirar a reflexão e o início da cocriação das soluções. A percepção é de que, se fosse possível, uma delas teria sido colada no teto: “Por que está tão difícil de se conectar?” foi parar no alto de uma parede, como se uma resposta fosse inalcançável.

Este momento tem como objetivo produzir, escrever, registrar, a maior diversidade possível de respostas/soluções para as *in-quieta-ações*. A produção foi intensa[18]! Muita conversa e escuta para tentar chegar a um consenso de qual (ou quais) seriam os melhores caminhos a seguir. A revelação de cada uma das soluções propostas já começava a demonstrar o poder da inteligência coletiva, presente na medida em que cada integrante pode compartilhar seus conhecimentos e os pequenos grupos acolheram e puderam transformá-los em algo novo, único, que dizia respeito à vivência daquelas pessoas, naquele final de semana.

Para Pierre Lévy (2015), “ninguém sabe tudo, todos sabem alguma coisa, todo o saber está na humanidade” (p.27). O autor ressalta a importância do “viver o saber”:

> Quando valorizamos o outro de acordo com o leque variado de seus saberes, permitimos que se identifique de um modo novo e positivo, contribuímos para mobilizá-lo, para desenvolver nele sentimentos de reconhecimento que facilitarão, consequentemente, a implicação subjetiva de outras pessoas em projetos coletivos. (LÉVY, 2005, p.30)

A partir da cocriação coletiva, surgiram as premissas que, mais pra frente, se tornariam Projetos de Cooperação:

[18] As soluções idealizadas individualmente (“chuva de ideias”) podem ser conferidas no Apêndice 3, página 77.

Tabela 3 - Resumo de soluções propostas para cada uma das seis *in-quieta-ações.*

Soluções *Como-Uns*	
In-quieta-ações	**Soluções propostas (pequenos grupos)**
1. Por que temos medo de ser vulneráveis?	Criar um grupo de whatsapp para podermos ser vulneráveis juntos.
2. Por que está tão difícil se conectar?	Escolha uma pessoa que você tenha algum tipo de barreira. Passe mais tempo buscando possibilidades de conexão com ela.
3. Como as relações humanas impactam diretamente a economia/política?	Futebol, política e religião não se discutem mesmo? Propomos que você comece a discutir esses assuntos em grupos com opiniões distintas.
4. Por que o silêncio incomoda?	Promover espaços onde podemos conversar sobre os nossos incômodos anônimos.
5. Ir pelo túnel mostra mais o que temos de diferente e ir pelas bordas o que temos em comum?[19]	Role Play túnel & bordas (trios)
6. O que é mais importante: ter vários colegas ou poucos amigos?	1. Game da dicotomia 2. Roda de conversa . Por que é mais importante? . Por que poucos amigos? . Por que hierarquizar?

Das soluções propostas, destaca-se a promoção do diálogo e escuta, que se fez presente na maioria das ideias. Será essa uma pista de que esses são dois elementos essenciais para o aprofundamento das relações humanas?

No entendimento de David Bohm (2005), se as pessoas:

[19] A quinta pergunta, especialmente, precisou de alinhamento para que o grupo compreendesse da mesma forma. O autor quis dizer que nem sempre o caminho “mais fácil” (o túnel) nos aproxima das pessoas, porque vamos para um caminho de “senso comum”. Ir pelas bordas nos conecta mais genuinamente, segundo ele, porque nos humaniza, “é o que temos em comum”.

> Percebessem a importância do diálogo trabalhariam com ele e, “quando começassem a se conhecer mutuamente, principiariam a compartilhar a confiança.”. Para ele, a cocriação (“um exemplo de indivíduos a pensar juntos”) só aconteceria quando "alguém que tivesse uma ideia, outra pessoa a adotasse, mais outra lhe acrescentasse algo. O pensamento fluiria e sairíamos da situação habitual, em que as pessoas tentam persuadir ou convencer umas às outras. (BOHM, 2005, p. 64).

Para Buber (2009), corroborando com esse entendimento:

> (...) onde a conversação se realiza em sua essência, entre parceiros que verdadeiramente voltaram-se um-para-o-outro, que se expressam com franqueza e que estão livres de toda vontade de parecer, produz-se uma memorável e comum fecundidade que não é encontrada em nenhum outro lugar (BUBER, 20p.155).

Um parênteses importante: no final do dia anterior, nós, focalizadores, ficamos inquietos com as *in-quieta-ações*. Seria possível criar uma atividade, desdobrar uma solução E um projeto a partir de perguntas que nos pareciam “tão subjetivas”, como “por que o silêncio incomoda?”. Checamos com o nosso orientador e o convite foi claro: “Confiem no processo e confiem na sabedoria do grupo. As inquietações tem essa função mesmo: deixar vir do grupo aquilo que é mais significativo, do jeito que vier”. E, mais uma vez, seguimos...

6ª Prática: PROJETOS DE COOPERAÇÃO (Cultivar)

“Como realizar as soluções encontradas?” (BROTTO, 2016, p.17)

Nessa etapa, Brotto (2016) afirma que o objetivo é “transferir para o dia-a-dia a realização das Soluções Comuns encontradas, por meio da prática de pequenas, simples e poderosas atitudes e comportamentos colaborativos”.

Em um processo de auto-organização, o grupo escolheu as três soluções que seriam transformadas em projetos.

Na tabela a seguir é possível observar o detalhamento do processo como um todo, desde as respectivas *in-quieta-ações* e soluções motivadoras até o projeto cocriado:

Tabela 4 - Resumo do processo completo, das *in-quieta-ações* até o projeto final.

In-quieta-ações	**Soluções *Como-Uns***	**Projetos**	**Detalhamento**
Porque está tão difícil se conectar?	Escolha uma pessoa que você tenha algum tipo de barreira. Passe mais tempo buscando possibilidades de conexão com ela	APP Marreta – Derrubando Muros	1. Perfil e descoberta de "intimidades" 2. Conexão 3. Conversa (com roteiro)
O que é mais importante: ter vários colegas ou poucos amigos?	Game da dicotomia	Game da dicotomia	Fazer uma dinâmica de posicionamento sobre dicotomias e preferências individuais. A cada rodada fazer a pergunta e pedir para as pessoas se posicionarem fisicamente na sala e então perguntar por que estão naquela posição. Dividir os extremos da sala – de um lado “concordo completamente” e do outro “discordo completamente” Processamento: #Seus amigos tinham mais opiniões iguais ou diferentes? #Alguém mudou de opinião ouvindo o outro?
Porque o silêncio incomoda?	Promover espaços onde podemos conversar sobre os nossos incômodos anônimos	Incômodos Anônimos	Primeira etapa: 5 minutos de trocas de olhares, em silêncio. Segunda etapa: Formação de uma roda, ainda em silêncio, com uma cadeira no meio. Quem quiser compartilhar algum incômodo, pode sentar na cadeira e falar. Recursos - Cadeiras - Cronômetro - Folhas sulfite - Escuta e silêncio total

Os projetos espelham as motivações apresentadas pelos participantes na inscrição para a vivência:

- O desejo de aprofundar as relações cotidianas e se libertar de algumas couraças pessoais;
- O desejo de explorar outros círculos, calçar os sapatos de outras pessoas;
- Construir novas maneiras de aprofundar relacionamentos;
- Refletir coletivamente sobre as relações humanas;
- Entender melhor as relações humanas;
- Aprender sobre temas que são fundamentais para a vida em sociedade para poder levar para o dia-a-dia.

Em termos de cocriação, o Game da Dicotomia, ainda que tenha possibilitado várias reflexões e tenha sido citado como um dos momentos importantes para a aproximação do grupo, nos pareceu ter recebido menos aportes do grupo, uma vez que já apareceu como proposta na etapa das soluções. Ou seja, sentimos que a ideia veio “pronta” e foi pouco cocriada de fato.

A vivência dos Incômodos Anônimos nos surpreendeu tanto pela proposta de efetivamente viverem o silêncio quanto pela disposição e abertura para compartilhar – a “vulnerabilidade” do grupo esteve ali, escancarada.

O convite da roda da partilha foi o olhar para “como foi vivenciar soluções e projetos: os desafios e descobertas; a experiência de cocriação; e o lugar do *não saber*”.

A sensação era de satisfação, serenidade, contentamento e um certo esgotamento: cada um contribuiu com o seu melhor e todos estavam impactados com o que havia sido construído junto.

O que era interesse e curiosidade pelo tema de relações humanas foi identificado nas *in-quieta-ações*, fertilizado nas soluções e frutificado nos projetos.

Na coleta de dados, a indicação desse momento do percurso como referência/ponto alto de aproximação do grupo foi citado por 7 dos 11 participantes.

O realizar das soluções encontradas evidenciou três aspectos bastante significativos:

- O ambiente de confiança e colaboração;
- O efeito da vulnerabilização;
- O poder da inteligência coletiva & saber de cada um (conforme já evidenciado em soluções).

Confiança & colaboração

Apesar do termo “confiança” não ter sido explicitado nas falas e registros do grupo, nossa percepção foi de que ela era o alicerce de toda a trilha, e pode ser exemplificado pela vivencia de uma das participantes, que no primeiro dia expôs o seu desconforto em trocar olhares com desconhecidos, e no segundo dia não só participou do grupo que criou Incômodos Anônimos, como na partilha da vivência registrou que se deu conta de que a sua maior dificuldade é encarar os conhecidos: “tenho receio de que minha máscara caia, de que ela me veja (como eu realmente sou)” (M.D.), sobre olhar nos olhos de uma amiga que estava no grupo.

Já desde o *com-tato*, vimos a importância desse elemento – a confiança – como um dos principais alicerces do processo e, indo mais além, para a co-evolução humana, como analisado por Brotto (2016), junto da cooperação e do respeito mútuo. O desenvolvimento e a vivência dos projetos visitou esses alicerces por meio do não saber, da cocriação, da plena atenção, integridade, desapego e de um certo "arriscar-se" de cada um, e do imenso respeito e acolhimento às diferenças e aos sentimentos presentes no grupo.

Vulnerabilidade & vulnerabilização

Foi incrível nos darmos conta, na decantação e análise dos resultados e da coleta de dados, que a frase que apresentamos como o convite central para a vivência – "a cooperação se dá no espaço onde verdadeiramente precisamos do outro" (BROTTO, 2016) – é um convite ao não saber (sozinho), que em nossa cultura é visto e percebido por muitos como "vulnerabilidade".

A vulnerabilidade e vulnerabilização – inclusive como caminho para o vínculo – foi um tema, e descoberta, bastante relevantes para o grupo, desde as *in-quieta-ações*, por meio da pergunta "Porque temos medo de ser vulneráveis?", e ao longo de todo o percurso, conforme alguns registros e falas:

"Se vulnerabilizar é a forma mais humana de criar vínculos" (W.A.), na Roda de partilha de Alianças & Parcerias;

"Eu sempre tive dúvida se vulnerabilidade era qualidade ou defeito. Aqui eu me decidi (olhando para a frase na parede): é uma qualidade!" (T.K.), na Roda de partilha de Alianças & Parcerias;

"Acredito que o que despertou a aproximação do grupo foi nos permitirmos sermos vulneráveis, com conhecidos e desconhecidos", (não identificado) no questionário, pós aplicação, de coleta de dados.

Ainda no pós encontro, recebemos uma mensagem de um dos participantes (E.G.) relatando o quanto a vivência havia reverberado para ele, culminando em um processo de auto-conhecimento poderoso:

"Em conversa com o meu coach surgiu um insight a partir do desenho que fiz. Eu percebi que desenhei um coração com uma interrogação dentro de um escudo, que é o escudo do Super Homem. A minha interpretação está muito conectada com a ideia de eu precisar me sentir um Super Homem, conectado com uma crença limitante de que preciso ser perfeito, ser o melhor possível e o melhor possível talvez

nunca tenha sido alcançado. Talvez, o quanto isso não significa que eu estou cancelando a minha vulnerabilidade e tenho relações humanas mais fracas. Ao mesmo tempo, o quão bizarro é perceber que eu, que me julgo tão vulnerável e, portanto, autêntico, na realidade nem sou tão vulnerável assim. Isso se conectou à necessidade de construir uma nova crença" (E.G.).

Brené Brown (2013) traz uma definição de vulnerabilidade que vale a pena retomar, e que foi vista durante o processo e interação entre os participantes:

> A vulnerabilidade se baseia na reciprocidade e requer confiança e limites. Não é superexposição, não é catarse, não é se desnudar indiscriminadamente. Vulnerabilidade tem a ver com compartilhar nossos sentimentos e nossas experiências com pessoas que conquistaram o direito de conhecê-los. (BROWN, 2013, p.36)

O cultivo dos projetos foi a explicitação do poder da inteligência coletiva.

7ª Prática: CELEBRAÇÃO (Celebrar)

"Quem Eu Sou mais plenamente agora e quando sirvo mais inteiramente ao outro?" (BROTTO, 2016, p.18)

Segundo Fábio Brotto (2016), o objetivo dessa etapa é "reconhecer a cada passo da caminhada as aprendizagens pessoais e coletivas conseguidas. Celebrar o exercício do *VenSer* quem se é para poder *SerVir* melhor ao mundo".

Uma caminhada poética abriu espaço para a acomodação das ideias e emoções desses dois intensos dias, para o reconhecimento dos passos e aprendizagens de cada um e do grupo.

Durante toda a trilha, as rodas de partilha se mostraram um espaço fecundo de aproximação do grupo e de aprendizado coletivo. Exercitar a escuta é expandir o mundo.

> Longe de realizar-se por uma instância transcendente, ou de se limitar a um reconhecimento passivo das diferenças, a escuta é um processo imanente ao coletivo, circularidade criadora. Então, informar ao coletivo que ele foi ouvido por cada um é dar-lhe os meios de compreender-se, ou melhor, entender-se. Não estamos distantes do nascimento do laço social: entender-se...."(LÉVY, 2015, p.72)

Respondendo às perguntas “Como estou saindo? O que estou levando?”, eis o que grupo trouxe:

"Saio exausto e diz muito sobre o que foi o processo, a entrega, a qualidade da presença. É bom, saio bem. Relações familiares: trago para minha vida, esforço da minha parte de querer tocar no mais sensível. É bom beber de uma nova fonte, me sinto reenergizado para lidar com o mundo. Levo um novo olhar para relações, crenças e para questionamentos. Vim achando que ia encontrar respostas e saí com mais perguntas" (W.A.).

"Sinto que vim com a caixinha entre aberta, curiosa, foi abrindo, sinto que saio mais saudável, de saúde mesmo, [quero] agradecer todo mundo e vocês. Experiência sensível, muita coisa – vou tentar escrever, ir absorvendo" (P.S.).

“Saio com o coração leve e o corpo vazio de ideias calcificadas. Há muito tempo estava procurando uma maneira de ser mais genuíno. Agora o esforço é para absorver e praticar” (T.K.).

"Levo novas consciências, novas relações (mudar relações), levo vocês". (E.G.).

“O que eu posso/vou fazer com isso que tá transbordando? É que transborde para círculos onde estou inserido. Qual valor isso tem?" (P.A.).

"Passou rápido... Estou levando o aprendizado de uma vida..." (L.F.).

“Percebi que o processo foi uma maneira de me cuidar. Só achei uma parte da resposta no outro. Outras pessoas refletiram a resposta. Saio querendo me cuidar" (M.D.).

“Recebi convite quando estava de volta em São Paulo fazia uma semana. Foi difícil, estava com raiva de ter voltado. [Mas] nem pestanejei, sabia que ia me alimentar. Agradeço, senti carinho e cuidado. Saio honrando as circunstâncias que me são ofertadas e o meu silêncio" (R.A.).

"Cheguei mais empolgado, hoje saio mais aprofundado. São tantas coisas... Foi mais fundo nas relações, sem saber aspectos, mas tá mais fundo" (W.V.).

Para nós, segundo a observação de toda a nossa trilha e da potência dessas falas finais, pudemos constatar que a Pedagogia da Cooperação de fato permite a criação desse espaço de transformação e desenvolvimento do humano.

> Para promover a mudança necessária, pode-se criar espaços para uma nova maneira de olhar uns aos outros e a si mesmo, para então, alterar a maneira de com-viver por meio do aprimoramento das habilidades de fazer *com-tato* e de *co-operar* consigo mesmo; com o outro; com o Inteiro- Ambiente; e com toda a *Comum-Unidade* Humana". (BROTTO, 2016, p.08)

A música escolhida pelo grupo para fechar o encontro, em uníssono, foi Kumbalauê, que semeou, fertilizou e espalhou o melhor de cada um para o universo que nos acolhe. Finalizamos o encontro com carinhosos olhares, sorrisos e abraços – muito afeto para celebrar o sonho, a realização e o semear em *comum-unidade*.

3.3.1 Indicadores DIVER - Resultados

A partir da matriz de Indicadores DIVER, apresentada por Brotto (2016), *disponível no Anexo, página 80,* cada um dos integrantes do grupo registrou as suas percepções sobre o processo. Os resultados de cada um foram sistematizados e são apresentados na tabela abaixo:

Tabela 5- Compilação dos resultados dos Indicadores DIVER.

POTENCIAL DE COOPERAÇÃO	LF	EG	MD	X	PS	TK	Y	RA	CM	WA	PA	**Do Grupo**
	90	erro	**97**	**83**	**90**	**100**	**90**	**100**	**85**	**93**	**82**	**91**
DIVERdade, se a experiência é vivida com desapego	100	87	87	87	87	100	73	100	53	100	67	**85**
DIVERtido, se a experiência é vivida com integridade	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100	**100**
DI VER gente, se a experiência é viivda com Plena Atenção	73	erro	100	60	73	100	100	100	87	73	60	**83**
DIVER, se a experiência é vivida com Abertura para Compartilhar	87	87	100	87	100	100	87	100	100	100	100	**95**

De um modo geral os resultados nos parecem bastante bons. No entanto, por não termos dados históricos desse grupo ou referências na Pedagogia da Cooperação, destacamos alguns aspectos que nos chamam a atenção:

- ✓ O grupo utilizou significativamente o seu Potencial de Cooperação (91%);
- ✓ O grupo percebeu a experiência vivida com bastante Integridade (100%) e Abertura para Compartilhar (95%);
- ✓ Desapego e Plena Atenção aparecem com percentuais mais baixos, mas também bastante bons (85 e 83% respectivamente);
- ✓ Do ponto de vista das percepções individuais, os percentuais abaixo de 60% nos indicam pontos de atenção.

Se esse fosse um grupo constituído para trabalhos e atividades continuada, outros monitoramentos seriam recomendados para o seu acompanhamento. Em função de tratar-se de grupo espontâneo, reunido com propósito específico para essa aplicação, temos esse registro como avaliação pontual, dessa aplicação.

Do ponto de vista da observação dos focalizadores:

- ✓ No contexto da nossa prática, o “desapego” (das próprias ideias) e a “plena atenção” (no outro) estão intimamente relacionados: o apego às próprias ideias dificulta o olhar e a escuta do outro.
- ✓ Em alguns momentos específicos percebemos movimentos onde o potencial de cocriação e vivência de determinadas práticas não foram explorados e vividos em suas possibilidades e os indicadores nos indicam isso também. Incrível perceber a sensibilidade e eficácia dos Indicadores DIVER!

3.3.2 Nosso olhar para a trilha percorrida

Na nossa aplicação da trilha com o grupo, foram muitos os momentos em que percebemos os “eflúvios vivificantes do mundo do TU” (BUBER, 2006) e o quanto esses momentos são potentes. Quando me relaciono com o outro e o reconheço presente, dinâmico, misterioso, imprevisível, único, abrem-se as possibilidades para que a cocriação, a confiança, a escuta, a cooperação e a vulnerabilidade possam emergir. Acreditamos que a Pedagogia da Cooperação, com os seus princípios,

processos, procedimentos e práticas abre um campo para que o TU se manifeste, tornando assim nosso viver mais humano, mais ético e mais acolhedor.

Foi um final de semana intenso e bonito. Uma jornada profunda que se iniciou desde que nós três começamos a nos encontrar para aprofundarmos nossa relação e criarmos a trilha que seria aplicada com o grupo. Durante esse processo criativo, fomos pensando em uma trilha mais reflexiva, com vários momentos de respiro e decantação, onde o lúdico aparecesse levemente durante o percurso.

Chegamos com essa proposta de trilha e encontramos um grupo interessado pelo tema e para as possibilidades do encontro. Entre nós três, estávamos “tranquilos com o frio na barriga” e abertos a acolher o que o grupo trouxesse também.

Em seus caminhos, a Pedagogia da Cooperação abriu um campo para que o grupo se sentisse cada vez mais confiante e entregue. Muitas falas surgiam com esse intuito de conhecer melhor o outro, de “calçar o seu sapato”, de descobrir novas formas de se relacionar mais profundamente. Os espaços de decantação que colocamos na trilha se mostraram potentes, e víamos o quanto o grupo se nutria neles.

Na manhã do segundo dia pudemos perceber que o nosso encontro já estava se expandindo para fora de si, quando alguns participantes nos contaram de ações que fizeram no dia anterior e que demonstravam um novo agir inspirado pelas reflexões e vivências acerca das relações humanas.

Foram dois dias em um espaço cocriado com muita escuta, diálogo, valorização das singularidades de cada um e saber coletivo. Por conta desse espaço acolhedor e amplo, a confiança preparou a terra para o nascimento de um fruto, forte e delicado, que seria uma surpresa para nós e para o grupo. Uma revelação para todos. Um fruto chamado vulnerabilidade.

Em um dos projetos criados pelo grupo, uns olhavam nos olhos dos outros, sem dizer palavra alguma. Uma cadeira ao centro, acolhia os incômodos, as vulnerabilidades. Para nós, uma imagem bonita de um grupo que adquire confiança e abertura para olhar de frente a si mesmo. Não à toa, segundo alguns participantes, esse foi um dos momentos mais fortes do encontro. E um momento que foi criado pelo próprio grupo, acessando sua inteligência coletiva e cocriando as novas possibilidades de vivências.

Percebemos que são muitos os fatores que agem durante a aplicação de uma trilha: o modo como a trilha é pensada, a disponibilidade de cada um, o nosso preparo enquanto focalizadores, as decisões que são tomadas ao longo do trajeto, entre outros mais sutis e menos definíveis pelos caminhos da razão. Mas o que pudemos perceber e viver foi o quanto a Pedagogia da Cooperação, através dos seus conhecimentos e práticas, possibilita o aprofundamento das relações humanas. A Pedagogia da Cooperação nos oferece um terreno. Com a crença de que todos possuímos terra fértil, podemos cultivar um belo jardim, com os mais diversos e saborosos frutos!

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Depois de dezoito meses como aprendizes e pesquisadores da cooperação, ao percorrermos as sete práticas junto a um grupo específico (e que grupo!), pudemos perceber a potência dessa trilha – que cuida atenciosa e delicadamente dos detalhes para a criação de um campo propício para a cooperação.

Para nós, os Lumiá, o desequilíbrio que vivemos no mundo contemporâneo e a liquidez e solidão na vida moderna são um chamado ao TU, ao amar o próximo como a mim mesmo, ao reconhecimento do Outro; e a Pedagogia da Cooperação uma resposta, ou melhor, um caminho para o viver esses desafios e a possibilidade de (re)encontro com a nossa *comum-unidade* planetária, onde cada um se sinta efetivamente pertencente/pertencendo.

Conforme apontamentos revelados pelos autores referenciados ao longo da pesquisa, também acreditamos na Pedagogia da Cooperação como caminho:

- ✓ Para o (re)encontro com o TU, apresentado por Buber;
- ✓ Para o acolhimento e valorização das diferenças (e aumento da cornucópia), sugerido por Bauman;
- ✓ Para a reinvenção dos laços sociais, indicado por Lévy;
- ✓ Para *Ser quem se É*, conforme proposto por Brotto; e
- ✓ Para encorajar e acolher a vulnerabilidade, como nos foi despertado pelo grupo de aplicação.

Essa foi a nossa vivência, na qual o campo da cooperação foi criado tendo a confiança como alicerce, para que os participantes do grupo deixassem, pouco a pouco, a vulnerabilidade, as singularidades e o saber de cada um chegar e fluir. A escuta e o diálogo mostraram-se caminhos naturais para a aproximação e o aprofundamento das relações humanas.

Essa narrativa pode ser escrita de diferentes formas, que também levam às contribuições da Pedagogia da Cooperação para esse aproximar humano, mas para os que se interessam pelo tema vale o registro desses elementos na alquimia das relações.

Dentre as considerações que merecem ser destacadas é que essa pesquisa se deu no âmbito de um grupo espontâneo, que se sentiu chamado a viver conosco

20 horas, em dois dias, de percorrida pelas sete práticas da Pedagogia da Cooperação. Observar grupos constituídos pode ser instigadores campos de novas investigações.

Como sugestões para futuras trilhas da Pedagogia da Cooperação, gostaríamos de deixar duas contribuições, uma geral e outra específica:

- ✓ que a Pedagogia da Cooperação honre e se aproprie, ainda mais, de sua suavidade e potência na aproximação e aprofundamento das relações humanas!
- ✓ que possamos explorar mais e melhor as possibilidades e mensagens dos Indicadores DIVER, entrevistando pesquisadores e participantes, reunindo dados, sistematizando análises...ouvindo os recados.

Para mim, saio fortalecido pelo que vivi durante a construção dessa monografia. Foi uma jornada intensa, de desafios e belezas. A aplicação foi um dos ápices desse processo, em um final de semana mágico que levo guardado no peito, para nunca esquecer o quão potente somos quando estamos juntos e de coração aberto. Trazer para esse trabalho escrito o que foi aquele final de semana foi um dos meus maiores desafios. O acolhimento e o carinho da Cecília e da Daniella foram fundamentais para que eu conseguisse entender as minhas sombras com os prazos e com a minha escrita e para que eu refletisse e sentisse no corpo que um ambiente de co-criação e cooperação pede cuidado, comprometimento, entrega e sinceridade. E que pode ser repleto de alegria e de boas risadas. Ainda tenho muito a aprender, e isso me empolga e alimenta a minha caminhada. Sou profundamente agradecido por ter vivido esse processo tão profundo e que remexeu tudo aqui dentro. Com tudo revirado, me sinto renovado, e pronto para a próxima aventura!

5. REFERÊNCIAS

ANTUNES, Arnaldo. 2001. Alma. In: DUNCAN, Zélia. Sortimento. São Paulo: Universal Music, 2001. Faixa 2. 1. CD.

BAUMAN, Zygmunt. Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos. Tradução Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2004.

BAUMAN, Zygmunt. Vida líquida. Tradução Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2007.

BEMBEM, Angela Halen Claro; e COSTA, Plácida Leopoldina Ventura Amorim. Inteligência coletiva: um olhar sobre a produção de Pierre Lévy. In Perspectivas em Ciência da Informação, v.18, n.4, p. 139-151, out./dez. 2013.

BOHM, David. Diálogo: comunicação e redes de convivência. Editado por Lee Nichol. Tradução Humberto Mariotti. São Paulo: Palas Athena, 2005.

BROTTO, Fábio Otuzi. A Pedagogia da Cooperação: para um mundo onde todos podem VenSer. Pós-graduação em Pedagogia da Cooperação & Metodologias Colaborativas – UNIP, São Paulo, v. 4.4, 2016. No prelo.

BROWN, Brene. A coragem de ser imperfeito. Tradução: Joel Macedo. Rio de Janeiro: Ed. Sextante, 2013.

BUBER, Martin. Do diálogo e do dialógico. Tradução de Marta Ekstein de Souza Queiroz e Regina Weinberg. São Paulo: Perspectiva, 2009.

BUBER, Martin. Eu e Tu. Tradução do alemão, introdução e notas por Newton Aquiles Von Zuben. 10ª ed. – São Paulo: Centauro, 2006.

GIL, Antônio Carlos. Métodos e técnicas de pesquisa social – 6ª ed. – São Paulo: Atlas, 2008.

LÉVY, Pierre. A inteligência coletiva: por uma antropologia do ciberespaço. Tradução Luiz Paulo Rouanet. 10ª ed. – São Paulo: Edições Loyola, 2015.

MARIOTTI, Humberto. As Paixões do Ego - Complexidade, Política e Solidariedade - 3ª ed. São Paulo: Palas Athena, 2008.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. Construção de indicadores qualitativos para avaliação de mudanças. Revista Brasileira de Educação Médica 33(1 supl 1):83-91, 2009.

SOLIGO, Valdecir. Indicadores: conceito e complexidade do mensurar em estudos de fenômenos sociais. Est. Aval. Educ., São Paulo, v. 23, n. 52, p. 12-25, mai./ago. 2012.

SITES:

BROWN, Brené. TEDxHouston – O Poder da Vulnerabilidade – 12/06/2010. https://www.ted.com/talks/brene_brown_on_vulnerability?language=pt-br. Acesso em: Junho/2017.

CHADE, Jamil. *Brasil é o país mais depressivo da América Latina, diz OMS* – O Estado de S.Paulo – Genebra – 23/02/2017 – http://saude.estadao.com.br/noticias/geral,brasil-e-o-pais-que-mais-sofre-com-depressao-na-america-latina,70001676638. Acesso em Julho/2017.

PELLANDA, Eduardo Campos. A essência da internet. Revista Fronteiras do Pensamento - Brasil - 14/06/2016 - http://www.fronteiras.com/artigos/a-essencia-da-internet. Acesso em Junho/2017.

QUEROL, Ricardo de. Zygmunt Bauman: “As redes sociais são uma armadilha”. El País – Espanha – 09/01/2016 – https://brasil.elpais.com/brasil/2015/12/30/cultura/1451504427_675885.html?rel=mas .Acesso em Julho/2017.

SCHÜLER, Fernando e MAZZILLI, Mário. Fronteiras do Pensamento – Café Filosófico CPFL – Zygmunt Bauman – Entrevista realizada em 25/07/2011 (Londres). https://www.youtube.com/watch?v=LcHTeDNIarU. Acesso em: 06/08/2017.

6. APÊNDICES

6.1. Questionários

6.1.1. Questionário pré-encontro presencial

Nome (opcional)

1. O que te aproxima e te afasta nas relações humanas?

2. Como você se percebe nas relações:
Usamos a escala de 1 a 10, sendo 1 MENOS envolvido e 10 MAIS envolvido. Na pergunta abaixo você poderá detalhar sua resposta.

a) Com a família

b) No trabalho

c) Com os amigos

d) Com "desconhecidos"

Quer fazer algum comentário sobre a resposta anterior?

3.Você se considera otimista ou pessimista quanto às relações humanas? Em que situações?

6.1.2. Questionário – Encontro Presencial

Nome (opcional)

1. O que te aproxima e te afasta nas relações humanas?

2. Como você se percebe nas relações:
Usamos a escala de 1 a 10, sendo 1 MENOS envolvido e 10 MAIS envolvido. Na pergunta abaixo você poderá detalhar sua resposta.

a) Com a família

b) No trabalho

c) Com os amigos

d) Com "desconhecidos"

Quer fazer algum comentário sobre a resposta anterior?

3. Você se considera otimista ou pessimista quanto às relações humanas? Em que situações?

4. Durante a vivência nesses dois dias você sentiu, predominantemente:

( ) Aproximação com as pessoas do grupo;

( ) Afastamento;

( ) Indiferente, nem aproximação, nem afastamento.

5. Com base na resposta anterior, você poderia destacar algum(ns) momento(s)? O que acredita que tenha despertado esse sentir?

6. A vivência te trouxe novos olhares sobre relações humanas? Quais? Que sementes (não flores!) quer cultivar a partir de agora - ou continuar cultivando?

7. Você gostaria de fazer algum comentário para nós sobre a experiência?

6.1.3. Questionário pós-encontro presencial (1 mês depois)

Nome (opcional)

1. Depois de um mês, você sente que a vivência te influenciou de alguma forma?

( ) Sim

( ) Não

( ) Talvez

2. Conte mais detalhes!
Independente se a resposta anterior foi sim, não ou talvez, comenta melhor pra gente saber da sua experiência :)

3. Hoje você percebe um novo olhar sobre relações humanas?

( ) Sim

( ) Não

( ) Talvez

4. Quais são esses olhares? Conte-nos mais!

5. O que te aproxima e te afasta nas relações humanas?
Fizemos essa pergunta no primeiro questionário e também no encontro. Um mês depois, você acha que mudou alguma coisa?

6. Como você se percebe nas relações:
Fizemos essa pergunta no primeiro questionário e também no encontro. Um mês depois, você acha que mudou alguma coisa? Lembrando que: usamos a escala de 1

a 10, sendo 1 MENOS envolvido e 10 MAIS envolvido. Na pergunta abaixo você poderá detalhar sua resposta.

a) Com a família

b) No trabalho

c) Com os amigos

d) Com "desconhecidos"

Quer fazer algum comentário sobre a resposta anterior?

7. No primeiro questionário perguntamos se você se considerava otimista ou pessimista quanto às relações humanas? E agora, o que você acha?

8. Tem mais alguma coisa que você gostaria de comentar, nos contar, compartilhar? Esse é o espaço! :)

Ah! Você gostaria que o grupo de whatasapp com os participantes fosse criado? *Já compartilhamos no e-mail os contatos de cada um e cada uma, mas gostaríamos de checar se a ideia ainda está de pé!*

( ) Sim

( ) Não

6.2. Trilha da Aplicação das 7 práticas: Detalhamento das dinâmicas e roteiro completo de atividades

TRILHA DA APLICAÇÃO DAS 7 PRÁTICAS		
COM-TATO **Verbo...Conectar**		
Pergunta inspiradora: Quem somos nós quando nos unimos aos outros?		
O objetivo é "promover o contato, aproximação e integração. Reunir o grupo para começar junto. Ser um ponto de partida acolhedor, atraente e que desperte a curiosidade e a vontade de continuar junto."		
Tempo	**Atividades propostas**	**Descrição & Detalhamento**
-	**Preparo da Trilha** ***Luz, Cor & Sombra***	*(Preparação prévia de espaço, alimentação, materiais e focalização)*
30'	**Acolhimento**	Café da manhã & trilha sonora com músicas preferidas do grupo[20].
10'	**Zip Zap**	**Proposta:** observação & presença/despertar o grupo. Em círculo, e em silêncio, a focalização estimula a observação dos presentes, por meio de gestos e atitudes.O primeiro movimento proposto é o circular de uma palma em sentido horário e depois inverte-se o sentido.Confortáveis com o movimento, incluímos o som de "bom dia" ao circular da palma.O 3º e último movimento proposto quebrou a ordem circular das palmas e inseriu a frase "Que bom que você veio. "zip"- palmas circulam ordenadamente, no sentido horário ou anti-horário. "zap"- palmas passeiam livres pelo circulo, podendo cruzar e pular integrantes da roda.
10"	**Boas vindas!**	Emoções de estarmos nessa vivência! Alegria, borboletas...gratidão!
20'	**Trânsito**	**Proposta:** observação de si e convite para novos e diferentes olhares. 1. Sentados em círculo, o grupo é convidado a observar a sala, as pessoas, os lugares de cada um: o que vejo. 2. Troca de lugar: o que e como vejo. 3. Troca de lugar, olhando nos olhos de duas pessoas e observa: o que e como vejo e o que sinto. 4. Troca de lugar cumprimentando 3 pessoas e observa: o que e como vejo e o que sinto 5. Troca de lugar, tocando o nariz de duas pessoas e observa: o que vejo, como vejo e o que sinto.
3'	**Registros individuais**	Tempo de decantação e registros individual.
12'	**Roda de partilha**	Espaço para as vozes que queiram compartilhar a experiência.

[20] Seleção preparada a partir do questionário que antecedeu o encontro, onde uma das solicitações foi a indicação de 3 músicas preferidas

15'	**Confecção de Crachá**	Frente: nome Verso: 1. O que me entusiasma, acende a minha chama? 2. Se eu fosse um personagem, quem eu gostaria de ser? 3. Uma característica que tenho e gostaria de distribuir para o mundo; 4. Uma brincadeira de infância.
5'	**Observação & paquera**	Passear pelo espaço, observando os andares, os olhares e os crachás, sem conversa.
10'	**Mergulho**	Em dupla: escolher uma pessoa para conhecer melhor. Conversar sobre as informações do crachá.
20'	**Roda de partilha**	Cada um se apresenta: nome, um destaque do seu crachá e como está chegando.
COM-TRATO Verbo...Cuidar		
Pergunta inspiradora: Quais são os cuidados que precisamos ter para conviver bem aqui, durante o tempo em que estivermos juntos?		
O objetivo é "que cada pessoa e todo o grupo tenham conhecimento dos cuidados necessários para promover e sustentar uma sensação de bem-estar pessoal e coletivo"		
Tempo	**Atividades propostas**	**Descrição & Detalhamento**
5'	**Introdução**	Explicar o objetivo desse momento do encontro.
5'	**Reflexão Individual**	Pensar e anotar individualmente: Quais são os cuidados que precisamos ter para conviver bem aqui, durante o tempo que estivermos juntos? O que necessito… para nossa convivência?
5'	**Reflexão em Duplas**	Compartilhar as necessidades levantadas na rodada anterior e escolher **três** das duas listas.
10'	**Reflexão em pequenos grupos**	Compartilhar no novo grupo as três necessidades levantadas em dupla e escolher novamente ATÉ TRÊS que representam o que pulsa mais para aquele grupo.
10'	**Leitura & estruturação do com-trato**	Cada grupo lê as suas necessidades, focalizadores também podem trazer sugestões. Conteúdo é registrado em uma folha de flipchart, que deverá ficar visível durante todo o encontro. Fazer uma leitura em voz alta do Com-Trato final.Checar se existem outras necessidades não incluídas
5'	**Assinatura do Com-Trato**	1) Reflexão Individual: "Para que essas necessidades sejam atendidas, eu ofereço…" 2) Cada um vem ao flipshart, registra a sua oferta (em voz alta e por escrito) e assina o contrato. Desenhos e representações são muuuuito bem-vindos!
5'	**Celebração do Com-Trato**	Dança circular: “Alma”, Zélia Duncan.

15'	**RECREIO**	***Compartilhar o significado re-crear*** *(Do Latim "Recreo, – are": fazer brotar de novo, reanimar, curar restaurar, renovar[21])*
IN-QUIETA-AÇÕES **Verbo...Compartilhar**		
Pergunta inspiradora: O que queremos descobrir juntos?		
O objetivo é "compartilhar perguntas, dúvidas, inquietações e incertezas sobre o tema/foco do encontro"		
Tempo	**Atividades propostas**	**Descrição & detalhamento**
5'	**Convite & aterrissagem**	Se "a cooperação se dá no espaço onde verdadeiramente precisamos do outro", conforme afirma Fabio Brotto, convidamos cada um a trazer o que DE FATO não sabe e precisa do outro para encontrar caminhos.
10'	***Aquecimento*** **Só perguntas**	Em duplas: Estabelecer conversa por meio de perguntas. Só perguntas! Perguntas com significado, com sentido, que despertem narrativas. Por exemplo: O que te emociona? Que lembranças você tem de situações em que se emocionou? Qual a última vez que se emocionou? *Evitar perguntas cujas respostas sejam o sim ou não.* 1ª rodada: tema memórias 2ª rodada, com troca de dupla: tema livre
5'	**Roda de partilha**	Espaço para as vozes que queiram compartilhar a experiência.
10'	**Mapeamento individual**	Que perguntas - *inquietações* - eu tenho/trago sobre **RELAÇÕES HUMANAS** Registro de tudo que vier.Escolha de duas que efetivamente não se conhece a solução, ou busca-se novos caminhos...
15'	**Compartilhar**	Em três pequenos grupos: Compartilhar as duas perguntas de cada um e escolher seis. Registro em folha de flipchart.
5'	**Novos olhares**	Grupos trocam de bloco de perguntas e escolhem três.
5'	**Nossas in-quieta-ações**	Grupos trocam de bloco de perguntas e escolhem duas. Registro em sulfites - uma pergunta por folha. LEITURA & DECANTAÇÃO
10'	**Celebração:** **Jogo - Tocô Colô**	**Proposta:** provocar reflexão sobre co-existência, interdependência e potência da colaboração.1) Grupo forma uma roda pequena, um bem perto do outro.2) Focalizador começa a dar orientações:- Com a mão direita, toca em uma cor escura que você esteja vendo em outra pessoa (peça de roupa/sapato). - Agora sem descolar o que você já colou, porque o nome do jogo é "TocôColô" - ou seja, onde você tocar nunca mais descola e a gente vai ver até onde isso chega - levanta a outra mão e com essa você toca em uma cor clara que esteja vendo em outra pessoa diferente. - Com o pé esquerdo, toca uma terceira pessoa.- Agora dança no lugar- Com a cabeça, toca em qualquer outra pessoa.- Agora dá uma piscadinha pra quem tá perto de você.*(nisso o grupo já está interligado e não consegue mais se desgrudar*)- Quando sentir que o grupo chegou ao limite entre o conforto e o desafio, terminam as instruções e encerra o jogo. (palmas)3) Perguntar como participantes se sentiram durante o jogo; pedir para compartilhar na roda ou em pequenos grupos.4) Comentar que esse jogo representa a formação da rede interdependente, a co-existência, o quanto dependemos uns dos outros para sobreviver.

[21] Dicionário Online Priberam - https://www.priberam.pt/dlpo/recrear

ALMOÇO (1h30) - Enquanto focalizadores buscam a comida, grupo ajuda a montar o espaço		
ALIANÇAS E PARCERIAS Verbo...Confiar		
O que nos fortalece e nos torna como-uns?		
O objetivo é "exercitar habilidades de com-vivência (autonomia, parceria, respeito mútuo, confiança, empatia, inclusividade, etc) para restaurar e/ou fortalecer as relações de parceria e cooperação no grupo".		
Tempo	**Atividades propostas**	**Descrição & detalhamento**
2'	**Chegança após o almoço**	Formação da roda, respiração juntos. O pedido é para que cada um perceba como está o próprio corpo e se gostaria de fazer algum movimento. (tempo para que cada um sinta o corpo e se movimente).
5'	**Aquecimento**	**Proposta:** fortalecer os sentimentos de interdependência e coesão. Dança circular: "Ah, se eu vou", da Roberta Sá.
5'	**Caminhada poética**	**Proposta:** percepção de si, do outro, do espaço e como isso tudo reverbera e interage. O grupo é convidado a caminhar pelo espaço ao som da música "Palhaço" de Egberto Gismonti. Enquanto as pessoas caminham vamos propondo alguns movimentos ao grupo:1. Eu comigo mesmo: Qual a velocidade dos meus passos? O que cada passo meu diz sobre mim? Como está o a minha respiração? Como está a minha postura e os meus movimentos enquanto caminho? O que o meu corpo está me dizendo? 2. Eu com o outro: Vou andando e encontrando os outros. Que impressões ele me traz? O que me chama mais atenção nele? Quando passar por uma pessoa, tente captar algum detalhe nela que você não tinha reparado. 3. Eu com o espaço: Agora observe o entorno, o espaço onde estamos. Encontre algum detalhe novo, que tinha passado despercebido até agora. Preste atenção na luz, nas dimensões, nas cores, nos materiais... 4. Agora vai misturando todas essas informações em uma grande sopa: eu, o outro e o espaço. Investiga se há algum limite entre você e o outro e entre você e o espaço. Quais são eles? Como o jeito como estou reverbera em como percebo o outro? Como o espaço influencia o modo como estou? Ao final da música, vai parando, fecha os olhos e decanta por 1 minuto o que foi essa experiência.
20'	**Troca de bolinhas**	**Proposta:** Por meio do jogo, experimentar diferentes níveis de atenção do corpo e como me coloco no grupo: recebendo, doando, errando, acolhendo, competindo, cooperando. 1. Bolinhas de malabares: Grupo em roda, entregamos uma bolinha que deverá ser passada de um para outro sem deixar cair, de preferência para alguém que não está do seu lado. Adicionar bolinhas na roda (do simples para o complexo). 2. A dinâmica do jogo continua, agora foram retiradas as bolinhas e inseridas bexigas cheias d'água. 3. Na última etapa, saem as bexigas e entra uma taça de cristal. Antes que o grupo comece, o focalizador pede que todos reparem em como está o seu corpo e como mudou de uma etapa para outra. Depois retira-se a taça, explicando que era apenas uma provocação e o grupo não teria que jogar. Ao final, abre-se uma roda de partilha para conversar sobre as sensações, reflexões e aprendizados que o jogo despertou.

20'	**Investigação apreciativa individual**	**Proposta:** Propor uma reflexão afetiva individual que posteriormente será compartilhada, com o intuito de fazer com que o grupo se conheça mais profunda e intimamente. Entrega de questionário impresso com as seguintes perguntas: 1. Qual o melhor momento que você viveu no último mês? Por que ele foi tão significativo para você? O que você aprendeu com essa experiência? 2.Quais são as suas habilidades/super poderes? Pense em duas histórias em que você precisou acessá-los. 3. Escolha uma pessoa especial em sua vida atualmente. Por que ela é tão especial para você?
40'	**Entrevista apreciativa**.	**Proposta:** propor um momento onde as pessoas se aproximem mais uma das outras por meio do diálogo, exercitando a escuta, o não julgamento e a confiança. Em dupla (alguém com quem você ainda não falou): compartilhar os registros. A fala e B escuta, depois troca - avisar o tempo. Importante lembrar que B escuta e pode fazer perguntas que incentivem a conversa, instigando para que a pessoa se aprofunde - sem julgamentos.
5'	**Preparo individual - Apresentação do outro**	Tempo para que cada um decante o relato que ouviu individualmente, encontrando uma forma de compartilhar com a roda o que descobriu sobre o outro na entrevista.
30'	**Apresentação do outro para a roda**	**Proposta:** Compartilhar com o grupo as apreciações de cada um Cada um deve apresentar em 2 minutos, da forma como achar melhor, as descobertas sobre o outro.
30'	**Roda de partilha**	Espaço para as vozes que queiram compartilhar a experiência.
20'	**RECREIO**	
20'	**Apreciando o EU e o grupo**	**Proposta:** Reconhecimento das potências e habilidades do grupo. 1.Reflexão individual: cada um escolhe uma habilidade sua e duas do grupo que ficaram mais fortes para si durante a entrevista apreciativa e a roda de partilha. 2. Registrar em um papel azul uma de suas habilidades e em um papel verde duas habilidades do grupo. Se quiser acrescentar mais habilidades do grupo, escrever em um papel da cor branca. 3. Em roda, cada um fala em voz alta as habilidades escritas e deixa os papéis no centro. 4. Momento de observação do desenho que se formou e uma pergunta para o grupo: Alguém quer trazer alguma palavra sobre essa imagem no centro com todas as habilidades reunidas?
10'	**Celebração – Música coletiva (vogal dos nomes)**	**Proposta:** Celebrar a abundância e a diversidade de habilidades re-conhecidas no grupo com a cocriação de uma música coletiva. 1. Pedir que as pessoas percebam quais são as vogais que existem no seu primeiro nome. 2. Enquanto isso, o focalizador começa a puxar um pulso com o pé. O convite é que dentro desse pulso, e conforme cada um for se sentindo a vontade, cante essas vogais. No ritmo, altura e melodia que quiser. O importante é nutrir o espaço com suas vogais, sua voz, sua entonação, sua presença. 3. O convite é criar nesse espaço, mas também sentir e perceber o que está sendo criado pelo grupo, estar conectado e deixar fluir, até que o próprio grupo sinta a hora de parar.
DECANTAÇÃO & CELEBRAÇÃO – FECHAMENTO DO DIA		
5'	**Visualização**	Percepções do dia. Convidar os participantes para que fechem os olhos, imaginem um baú - *o SEU baú* - O que você guarda do dia de hoje? Tempo de registro individual - escrever, desenhar.
10'	**Roda final**	Olho no olho, uma palavra, três abraços.
ENCERRAMENTO DO DIA		
2o DIA		

30'	**Acolhimento**	Café da manhã & trilha sonora com músicas preferidas do grupo.
COM-TATO Verbo...Conectar		
Tempo	**Atividades propostas**	**Descrição & Detalhamento**
5'	**Alongamento & Respiração juntos**	**Proposta:** acolher o grupo com um exercício leve e que potencialize o estado presente. Convite para que alguém do grupo oriente a atividade.
5'	**Aquecimento**	**Proposta:** Retomar uma dança circular já realizada pelo grupo, para que os participantes se reconheçam construindo um percurso e uma memória juntos. Acessar outras potencialidades que surgem quando já se está familiarizado com a coreografia. Dança Circular: “Ah! Se eu vou”, Roberta Sá
5	**Reconhecimento & apropriação**	Olhar para o espaço, acolher e honrar o trajeto percorrido no dia de ontem e, em especial para as habilidades mapeadas + inclusão das habilidades de quem não estava presente...
20'	**Retrato lúdico** *Como estou chegando?*	**Proposta:** Perceber-se no olhar do outro. 1. Todos caminham pelo espaço tendo em mãos uma prancheta com três folhas de sulfite e uma caneta colorida. 2. Ao toque do sino devem encontrar um parceiro e no tempo de 30 segundos desenhá-lo sem olhar para a folha do papel onde o desenho está sendo feito. 3. Ao final do tempo, cada um da dupla presenteia o outro com o desenho feito. 4.A dinâmica toda se repete mais duas vezes. 5. Ao final dos três encontros cada pessoa escolhe um desenho que mais representa como ela está chegando. 6. Roda de partilha para mostrar o desenho e falar sobre a escolha.
20'	**Roda de partilha** *Fichas que cairam*	Abrir um campo de partilha sobre as percepções, lampejos, reflexões e aprendizados que cada um teve desde o final do nosso encontro no dia anterior.
COM-TRATO Verbo...Cuidar		
5'	**Checagem**	Algum pedido não atendido? Algo a acrescentar? *(Dependendo da resposta do grupo, pode levar mais tempo)*
ALIANÇAS & PARCERIAS Verbo...Confiar		
Tempo	**Atividades propostas**	**Descrição & Detalhamento**
20'	**TEIA**	**Proposta:** conexão do grupo, desafio a ser resolvido em conjunto, interdepêndencia e reconhecimento de habilidades. 1. De pé e em roda, um participante deve passar o barbante para o outro, cruzando o espaço, falando uma das habilidades que reconheceu em si na atividade do dia anterior. 3. Ao término das apresentações, o focalizador traz uma fala de que agora que estão todos conectados, com o melhor de cada um, terão um desafio para resolver juntos. 4. Focalizador prende três barbantes com canetas amarradas em três pontos diferentes da teia de barbante formada (nas intersecções) e posiciona 3 garrafas de forma desencontrada, para que o desafio pareça difícil. 5. Com o cenário montado, o focalizador lança o desafio: vocês terão 5 minutos para colocar as três canetas dentro das garrafas, ao mesmo tempo. Vocês podem conversar, criar as estratégias, se movimentar. Não pode soltar o barbante, não pode usar as duas mãos (usem apenas a mão que estão segurando o barbante agora). Valendo!

		6. Focalizador conta o tempo e vai avisando quanto falta ao longo do processo. 7. Desafio cumprido (ou não), o facilitador convida os participantes a celebrar o que conquistaram juntos (independente de onde chegaram). 8. Processamento: focalizador traz algumas perguntas para que o grupo reflita sobre como foi o processo, como cada um se posicionou, se alguém duvidou que fosse possível, se daria pra ter feito melhor ou diferente (entre outras perguntas).
20'	**RECREIO**	
SOLUÇÕES COMO-UNS **Verbo...Cocriar**		
Pergunta inspiradora: O que sabemos juntos que não sabemos sozinhos?		
O objetivo é "fazer a colheita de todas as ideias, sugestões, dicas, comentários, insights e respostas para as perguntas produzidas na 3ª prática (In-Quieta-Ações)		
Tempo	**Atividades propostas**	**Descrição & Detalhamento**
10'	**Retomar as In-Quieta-Ações**	Grupo esclarece o significado de cada uma das perguntas escolhidas, para garantir que todos estão entendendo a mesma coisa. Cada grupo (responsável pela seleção das perguntas finais das in-quieta-ações) escolhe um lugar da sala para colar as perguntas. Focalizador convida: Onde você sente que essa pergunta está? Onde ela cabe?
30'	**Sugestões e chuva de ideias** *Individual*	Todo o grupo passeia pelas perguntas e, individualmente, coloca suas sugestões em cada uma das in-quieta-ações. Convite: Comece pela pergunta que mais te chama, escreva uma ideia por post it, seja claro na ideia em poucas palavras (o outro tem que entender).
60'	**Transformar em propostas de soluções**	Os grupos (mantém-se os mesmos formados no dia anterior) reúnem as contribuições e propõem um pequeno conjunto de soluções - até **três** por pergunta. IMPORTANTE: todos os grupos devem registrar *pelo menos uma* solução que possa ser vivenciada com esse grupo, nesse final de semana.
5'	**Registro**	Registrar as soluções escolhidas – UMA solução por folha
20'	**Resultado do processo**	Ler para o grupo as soluções criadas para cada uma das perguntas trabalhadas. Focalizador dá pistas de que o jogo continua e que essa foi a primeira etapa. Celebração: salva de palmas para as cocriações do grupo.
ALMOÇO		
PROJETOS COMO-UNS **Verbo...Cultivar**		
Pergunta inspiradora: Como realizar as soluções encontradas?		
O objetivo é "transferir para o dia-a-dia a realização das Soluções Comuns encontradas, por meio da prática de pequenas, simples e poderosas atitudes e comportamentos colaborativos".		
Tempo	**Atividades propostas**	**Descrição & Detalhamento**

15'	**Ins-piração**	Para inspirar, cada um tira uma carta do Guerreiros Sem Armas: recados ancestrais sobre habilidades que você já possui ou precisa desenvolver. *Baralho Guerreiros Sem Armas:* O Guerreiros Sem Armas é um programa internacional de formação de jovens agentes de transformação social. As Cartas dos Elementos são para inspirar a conexão com os saberes ancestrais e com a natureza como nossa fonte de vida. Foram inspiradas na pedagogia indígena e desenvolvidas por Kaká Werá, do Instituto Arapoty. Os elementos (terra, água, fogo e ar) são responsáveis pelo crescimento e desenvolvimento do ser humano, bem como todo o conjunto de vidas - e as cartas podem inspirar e apoiar o desenvolvimento coletivo e pessoal, ampliando a consciência e aprofundando a potência de cada uma das qualidades apresentadas. As cartas ainda trazem um quinto elemento, que na língua tupi é chamado *Nhanderekó* e significa "essencialidade do ser" (em tradução aproximada), ou também "fogo interior" e "eu ancestral".
10'	**Aquecimento**	Participantes caminham pela roda e vão escolhendo qual projeto querem realizar e param em frente a folha. No final do tempo de uma música, tem que ter pelo menos três pessoas para a opção seguir pra projetos.
40'	**Cocriação**	**Proposta:** Detalhar as soluções, transformando-as em projetos para serem desenvolvidos com o próprio grupo, no mesmo dia. Anotar em uma folha de flipchart como a atividade irá acontecer: nome, materiais necessários, passo-a-passo, participantes.
1h	**Vivência dos projetos**	Cada grupo focaliza a vivência do projeto proposto, em 20 minutos.
5'	**Acolhimento**	Em roda, bastante próximos, respiração profunda em conjunto. *Juntos somos mais fortes.* Dança circular: Kumbalauê
20	**RECREIO**	
30'	**Roda de Partilha**	Espaço para as vozes que queiram compartilhar a experiência. Como foi vivenciar Soluções e Projetos? Quais os desafios, descobertas? Como foi vivenciar a experiência de cocriação e o lugar do não saber?
5'	**Celebração**	Dança Circular: Kumbalauê
CELEBRA-AÇÃO **Verbo...Celebrar**		
Pergunta inspiradora: Quem eu Sou mais plenamente agora e quando sirvo mais inteiramente ao outro?		
O objetivo é "reconhecer a cada passo da caminhada as aprendizagens pessoais e coletivas conseguidas. **Celebrar o exercício do *VenSer* quem se é para poder *SerVir* melhor ao mundo".**		
Tempo	**Atividades propostas**	**Descrição & detalhamento**
5'	**Caminhada poética**	**Proposta:** honrar e celebrar as vivências do encontro fazendo uma caminhada poética pelo espaço. 1. O grupo é convidado a caminhar ao som da música "Palhaço" de Egberto Gismonti. 2. Focalizador propõe reflexões: (eu comigo mesmo) Como está o seu corpo? O que ele te diz sobre essa jornada que vivemos nesses dois dias? Como está a sua respiração? 3. (eu com o outro) Vai andando e encontrando os outros. O que essa pessoa te trouxe durante esses 2 dias? Quando passar por uma pessoa, tente relembrar um momento dela que te tocou. 4. (eu com o espaço) Agora observe o entorno, o espaço que cocriamos. Perceba essas informações em uma grande sopa: eu, o outro e o espaço. Investiga se há algum limite entre você e o outro e entre você e o espaço. Quais são eles? Como o jeito como estou reverbera em como percebo o outro? Como o espaço influência o modo como estou? 5. Ao final da música, pare, feche os olhos e decante por 1 minuto o que foi essa experiência.

5'	**Reencontro com seu baú**	**Proposta:** Reflexão individual sobre aprendizados, sentimentos, sensações, descobertas. 1. Cada um escolhe um canto da sala para ficar. Com as luzes baixas, focalizador pede que fechem os olhos e conduz uma breve narrativa para que a pessoa se reencontre com seu “baú”, que abriu no dia anterior. 2. Depois de 3 minutos de silêncio, focalizador pede para que a pessoa remexa como quiser no seu baú. 3. Ao final do tempo, convida as pessoas a se despedir do seu baú e abrir os olhos.
20	**Registro individual**	**Proposta:** momento de registrar reflexões de forma guiada (aplicação de questionário e indicadores DIVER + pergunta "O que vocês gostariam que a gente soubesse da sua trajetória aqui durante esses dois dias?")
30'	**Roda final de partilha**	Espaço para as vozes que queiram compartilhar a experiência. "Como estou saindo? O que estou levando?"
5'	**Fechamento**	Grupo escolhe qual dança circular gostou mais para dançar juntos mais uma vez. Dança circular: Kumbaluê.
Até a próxima!		

6.3. Soluções propostas para as seis *in-quieta-ações* escolhidas pelo grupo – Atividade: chuva de ideias individual.

***In-quieta-ação* 1) Por que temos medo de ser vulneráveis?**								
As pessoas estão no piloto automático	Conhecer políticas públicas que se relacionam com as relações humanas	Uma comunidade de aprendizagem colaborativa sobre esses assuntos	Como mostrar para as pessoas que esse problema existe?	Porque somos ensinados o tempo todo a não confiar...	Porque estamos sempre nos comparando com o outro	Somos programados para achar que nunca somos suficiente?	Porque não é confortável e as consequências são incertas	Pelo medo da rejeição
Porque não queremos ser julgados	Medo de julgamento, não ser aceito. Medo de assumir que temos falhas e que precisamos do outro. Confundir força com perfeição	Se formos "ruins", "inferiores" ou errarmos muito, temos a impressão que não seremos amados	Porque estar vulnerável é fracassar. E somos obrigados a ter sucesso na vida	Porque ser transparente é desconfortável	Porque achamos que viver é composto só de bons momentos	Hoje "preciso" ficar ligado "sempre" no email e no zap	Se eu te mostrar quem realmente sou, você não vai gostar de mim	

***In-quieta-ação* 2) Por que está tão difícil se conectar?**						
E se nunca foi fácil?	Perdemos muito do contato	O mundo está virtualmente conectado, mas estamos perdendo esta conexão física	Pra mim é na mesma do silêncio, está difícil pelo número de estímulos externos	Distrações do mundo moderno cada vez mais podem ser usadas como escudos	Crescente individualização	Conectar é sentir. Sentir é "escutar" e ser genuinamente escutado. Queremos escutar?
Porque temos dificuldade em ouvir, criar um diálogo	Porque está tão difícil ouvir/olhar o outro	Porque não temos estímulos pra isso na escola, faculdade, trabalho	Olhar pra dentro ou conectar-se pode ser doloroso	Porque conexão pede fragilidade	Somos imediatistas e a resposta da conexão não é imediata	Falta de interesse das pessoas para com as pessoas

***In-quieta-ação* 3) Como as relações humanas impactam diretamente as economia/política?**				
Uma sociedade mais cooperativa tende a lidar melhor com os problemas	Relações de conflito e antipatia travam o progresso	Se as relações melhoram, pode ter menos violência e mais confiança. Aí melhora o todo que é interdependente	Através da empatia e da sinceridade as relações básicas são enriquecidas. Se esse conceito básico/vital é menosprezado, como podemos construir um ambiente fértil em qualquer ramo que seja? É como construir algo oco	A economia e a política refletem o estado das relações. Se elas não estão boas, logo...
Trump + Putin + Roda de diálogo = ?	Mais felicidade interna bruta, menos produto interno bruto	O interesse individual prejudica as relações humanas	Economia/política como reflexo de quem somos como pessoas e grupos	Relações mais autênticas trazem uma comunhão mais autêntica, uma confiança mais autêntica e trocas mais autênticas

***In-quieta-ação* 4) Por que o silêncio incomoda?**									
Não tenho bola de cristal	Porque o silêncio nos ouve, o temos denttro de nós	Saber ouvir o silêncio	Será que estamos preparados para as respostas?	Vamos compartilhar o silêncio?	Porque temos medo de só ser e ser só	Porque esquecemos que as pausas também fazem parte da conversa	Porque dá abertura para a imaginação	Não sabemos ouvir o silêncio	"Incômodos Anônimos" (grupos, rodas de conversa)
Porque sabemos que nem sempre o silêncio é o melhor para resolver o incômodo	Não acesso o sentimento do outro	Faltam espaços (físicos e temporais) para falar disso	Por que temos medo de nós mesmos?	Porque não estamos parando para nos escutar	Temos medo do que podemos encontrar em nós mesmos	Porque olhar para dentro incomoda/assusta	Incomoda porque no silêncio não há distração que nos bloqueie de nós próprios. É o puro convite a se olhar despido, mergulhar	Porque precisamos nos distrair. Olhar pra dentro é assustador	

***In-quieta-ação* 5) Ir pelo túnel mostra mais o que temos de diferente e ir pelas pelas bordas o que temos em comum?**			
Será que não estamos formando bolhas de amigos que só pensam igual a nós?	Ir pelas bordas equer uma intenção e uma presença que não estamos acostumados a dar	A questão não é o caminho que você pega e sim como você encara e interpreta as respostas que recebe	Para sermos amigos temos que gostar das mesmas coisas?
Homogeneização de opiniões	Será que amamos tanto a ideia de ser únicos que nos esforçamos mais para encontrar diferenças que para cultivar fortalezas?	É possível enxergar diferenças e aspectos comuns cmainhando em linha reta? O respeito como luz no fim do túnel	Ir pela borda mostra mais fraquezas. Todos temos fraquezas

***In-quieta-ação* 6) O que é mais importante: ter vários amigos ou poucos amigos?**				
Poucos amigos	Quão vulneráveis nos propomos estar? As expectativas e preconceitos que criamos privam colegas de serem amigos e vice-versa?	O importante é ser genuíno com o que você valoriza	Poucos amigos que se importem, que compartilhem todos os momentos	Historicamente temos a necessidade de se sentir parte de um grupo. Comunidades, tribos, etc
Poucos e verdadeiros amigos	Poucos amigos, porque abre possibilidades do profundo	Depende da situação. Às vezes colegas podem suprir, às vezes amigos.	Verdadeiros amigos: aqueles que ouvem e sabem o que está realmente acontecendo.	Talvez seja mais desafiador e enriquecedor se aprofundar em um relacionamento de amizade do que coleguismo. Depende do quanto você está disposto a se expor, trocar e doar.

7. ANEXOS

Matriz de Indicadores DIVER (BROTTO, 2016)

INDICADORES DIVER	ESCALA DE CONTEMPLAÇÃO		
Indicador 1: DIVERdade (Desapego)	Não ocorreu	Ocorreu às vezes	Ocorreu muitas vezes
1. Os participantes compartilharam experiências pessoais sem receio de se expor.			
2. Empatia, compaixão, acolhimento e cumplicidade foram atitudes demonstradas pela maioria dos participantes. 3. Emoções como tristeza, angustia, medo, raiva e até ódio puderam se manifestar e foram verdadeiramente aceitas.			
Indicador 2: DIVERtido (Integridade)	Não ocorreu	Ocorreu às vezes	Ocorreu muitas vezes
4. O riso e a espontaneidade estiveram presentes, mesmo em momentos desafiadores.			
5. Houve uma sensação de leveza e descontração no ambiente.			
6. Uma atmosfera de contentamento e tranquilidade marcou o encontro.			
Indicador 3: DI-VER-Gente (Plena Atenção)	Não ocorreu	Ocorreu às vezes	Ocorreu muitas vezes
7. Pessoas de diferentes características realizaram atividades conjuntas e sem discriminação.			
8. Surgiram novas aprendizagens e insights a partir de visões, atitudes e comportamentos divergentes.			
9. A não participação de um (ou mais) participante em eventuais atividades e/ou momentos, foi respeitada e honrada pelo grupo.			
Indicador 4: "DIVER" (Abertura para compartilhar)	Não ocorreu	Ocorreu às vezes	Ocorreu muitas vezes
10. O Grupo e a Focalização colaboraram no desenvolvimento das atividades, sugerindo ideias para a sua melhoria. 11. Em diferentes momentos existiram partilhas genuínas, tocantes e profundas que permitiram elevar o nível de cumplicidade no grupo 12. O Grupo e cada participante assumiu responsabilidade pelo sucesso do encontro e pela implementação das aprendizagens no cotidiano.			